

Oferta.  
-0. NOV. 1998

A VULSO

1.20 ESC.

ANO III - N.º 126

14  
OUTUBRO  
1943



*Vem aí o Inverno!  
Adeus belos jar-  
dins floridos, ale-  
gre areia da praia  
a brincar sobre as  
ondas... O Toy está  
triste. Agora, terá  
de ficar em casa no  
quartinho de brin-  
quedos e quando  
fôr ao Jardim da  
Estrêla, nem o hão-  
de deixar brincar  
na areia!*

**Vida  
Mundial**

**ILUSTRADA**

*Semanário gráfico de actualidades*

# PORTUGAL CUMPRE FIELMENTE OS SEUS COMPROMISSOS TRADICIONAIS!

Mas fazendo-o sem prejuízo da neutralidade e, mantendo por completo a soberania portuguesa, o Governo de Salazar pode contar neste momento histórico com o apoio decidido de Portugal inteiro



## UMA DECLARAÇÃO HISTÓRICA

«De acôrdo com o Governo Português, o Governo de S. M. no Reino Unido fez à Câmara dos Comuns a seguinte comunicação:

1. «Ao deflagrar a guerra o Governo Português, em inteiro acôrdo com o Governo de S. M. no Reino Unido, adoptou uma politica de neutralidade com o fim de evitar que a guerra alastrasse à Península Ibérica. O Governo Português declarou, no entanto, com frequência, e a última vez no discurso do Doutor Oliveira Salazar de 27 de Abril, que a referida politica não era de modo algum incompatível com a aliança anglo-portuguesa que foi firmada pelo Governo Português logo nos primeiros dias da guerra.

2. O Governo de S. M. no Reino Unido, baseando-se nesta antiga aliança, pediu agora ao Governo Português que conceda certas facilidades nos Açores que habilitarão a melhor proteçã e a navegaçã mercante no Atlântico. O Governo Português concordou em satisfazer este pedido e concluíram-se entre os dois Governos acôrds, que entrarão imediatamente em vigor, relativos a) às condições que regem o uso das referidas facilidades pelo Governo de S. M. no Reino Unido, e b) ao auxilio britânico em material e outros fornecimentos indispensáveis para o Exército português e para a manutenção da economia nacional.

3. O acôrdo relativo ao uso das facilidades nos Açores é de natureza puramente temporária e de modo nenhum prejudica a manutenção da soberania portuguesa sobre o território português. Todas as forças britânicas serão retiradas dos Açores no fim das hostilidades.

4. Nada neste acôrdo afecta o permanente desejo do Governo Português, ao qual o Governo de S. M. declarou correspondem os seus próprios sentimentos de continuar a politica de neutralidade no Continente europeu e por esta forma conservar uma zona de paz na Península Ibérica.

5. Na opinião do Governo de S. M. este acôrdo deve dar nova vida e vigor à aliança que há tanto tempo existe com mútua vantagem entre o Reino Unido e

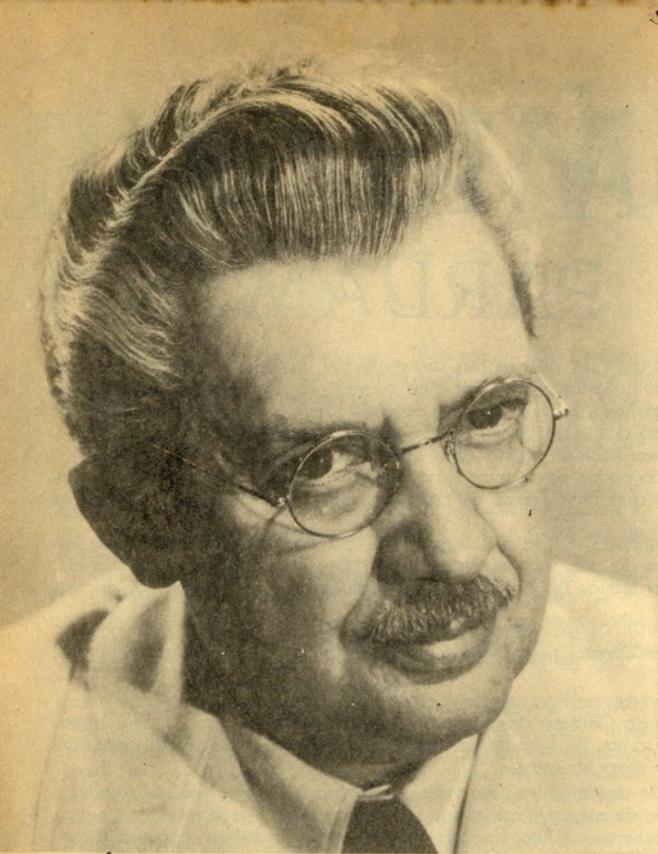
Portugal. Não só confirma e fortalece as antigas garantias resultantes dos Tratados da Aliança, mas dá também nova prova da amizade anglo-portuguesa e fornece uma garantia adicional para o desenvolvimento desta amizade no futuro.

Ao dar conhecimento ao País dos factos constantes da anterior comunicação, o Governo Português julga por agora apenas necessário acrescentar e frisar o seguinte:

a) Sempre que houve necessidade de expor a politica internacional portuguesa e definir a posição de neutralidade assumida pelo País no condico da guerra, se reteron a afirmaçã de que, embora desejoso e sinceramente resolvido a mantê-la, o Governo considerava a neutralidade condicionada, na latitude do seu exercicio, por eventual funcionamento da aliança anglo-lusa (como seria o caso do uso de facilidades solicitado, com innovaçã da aliança, pelo Governo Britânico).

b) Tendo o Governo Português salvaguardado desde o primeiro momento as obrigações para ele emergentes do Tratado de Amizade e Não Agressão e Protocolo Adicional celebrados com a Espanha e uma das bases da sua politica externa, pôde verificar-se como nesse ponto a politica portuguesa era não só respeitada como vista com simpatia pelo Governo Britânico cuja politica de guerra se entende não interferir com a manutenção duma zona de paz na Península Ibérica. O Governo Português deu já à Espanha completas explicações acerca deste aspecto das relações anglo-lusas. O Governo pode dizer que o Embaixador de Inglaterra em Madrid confirmará, por parte da Inglaterra, as mesmas seguranças.

c) Como bem disse o Primeiro Ministro britânico a concessão agora efectuada, acrescentando nova força e vigor à antiga aliança entre Portugal e a Inglaterra e dando naturalmente lugar à confirmação e reforço das garantias politicas dos Tratados torna-se em nova prova da amizade existente e garantia do seu estreitamento futuro.



DOS MAIS VELHOS DO CINEMA

E

# 1º CIDADÃO

DE

HOLLYWOOD

têreas atravessavam as planícies, onde ainda havia búfalos, e as carreiras dos navios a vapor que transitavam nos grandes rios da América.

Hersholt começou como actor depois de concluir o curso no Dagmar Theater's Dramatic School, em Copenhague. Viajou pelos países escandinavos em jornadas durante muitos anos, e o amor das viagens e da aventura levou-o aos Estados Unidos. Em 1913, produziu, dirigiu e apresentou num teatro dinamarquês espectáculos na Feira Mundial de S. Francisco, tendo ido depois para Hollywood, onde a nova indústria do cinema se esforçava por criar estabilidade. Como pioneiro nos filmes americanos, Hersholt representou com Mary Pickford e Douglas Fairbanks: num filme fez o papel de herói, num outro de vilão... mas, a verdade é que os papéis que representou foram já tantos e diferentes — que não se lembra de quantos representou...

*O grande actor Jean Hersholt no dia em que fez 56 anos, entre dois dos seus amigos mais íntimos.*

**C**HAMAM-LHE «O Primeiro Cidadão de Hollywood» mas, de verdade, o seu nome é Joan Hersholt. Entrou em 451 filmes, e acha que «o cinema agora pode esperar que a guerra acabe». Em 27 anos, é agora a primeira vez que não se encontra no estúdio.

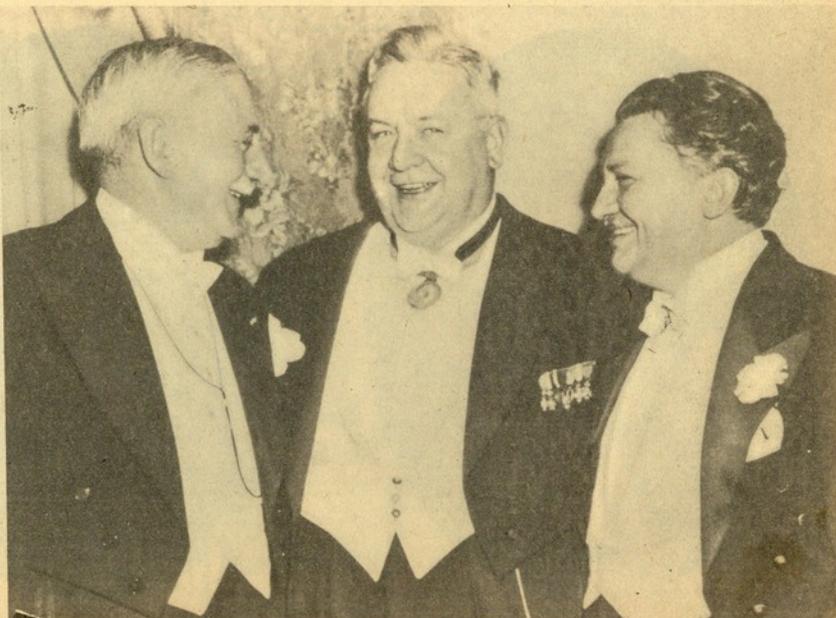
Nascido há 57 anos na Dinamarca, Hersholt apresenta-se em muitos filmes e audições de rádio com o carácter de benevolente advogado do país do rei Cristiano. De futuro, ouvi-lo-emos das plateias de todos os cantos da América onde houver americanos de origem dinamarquesa.

Foi recentemente eleito presidente da Associação Dinamarquesa-Americana, que possui milhares de sócios e, nessa qualidade, visitará muitas das 700 igrejas, sociedades e pequenas casas dinamarquesas — dirigirá reuniões de confederações de guerra e animará os seus membros a ajudar livremente a sua pátria contra o invasor.

— Eles ajudarão na medida do possível, não tenho dúvidas a esse respeito — disse ele. — Conheço os dinamarqueses, são sempre bons cidadãos em qualquer país em que vivam.

O grande interesse de Hersholt vai para as traduções de pequeninas histórias de Hans Christian Anderson, o famoso escritor de contos de fadas. Reüniu recentemente os seus trabalhos numa obra de dois volumes intitulada «Collected Works of Hans Christian Anderson», e que será publicada dentro em breve numa edição popular.

A casa de Hersholt, em Beverly Hills, nos subúrbios de Hollywood, onde vivem muitas estrelas de cinema, está cheia de pequenas coisas que nos mostram a amizade dos actores tanto para com os Estados Unidos como para com a Dinamarca. Tem uma colecção das primeiras edições, muitas mandadas pelos autores, e as paredes estão coalhadas de telas com todos os assuntos da história da Dinamarca, subscritas por artistas dinamarqueses. Tem uma colecção dos primeiros folhetos de Currier e Ives que relatam a história dos Estados Unidos quando as primeiras vias





DR. EDITH SUMMERSKILL



LADY ASTOR



MISS MEGAN LLOYD GEORGE

# HÁ 13 MULHERES NO PARLAMENTO BRITÂNICO

A guerra de 1914-1918 exigiu das mulheres britânicas uma participação efectiva no esforço e no trabalho comum. Elas souberam responder e corresponder às exigências e necessidades da nação em perigo, colaborando nas mais rudes tarefas, pondo exuberantemente à prova o grau das suas capacidades e das suas aptidões.

Não podia haver mais dúvidas: era o triunfo, na prática, de todas as reivindicações que havia anos as mais ardentes feministas reclamavam e perseguiam.

Uma vez terminada a luta nos campos de batalha, regressado o país ao sossego das horas da paz, uma elemental justiça se impunha: abolir, senão nos preconceitos, pelo menos na lei, toda a desqualificação que tivesse por origem o sexo.

Assim, em 1919, foi proclamada a emancipação da mulher, que passou, desde então, a ter acesso, pelos seus méritos, a todas as profissões e funções públicas.

Lady Astor entrou no Parlamento cheia de entusiasmo e de sedução, e nunca mais nas sessões da Câmara dos Comuns deixou de se ouvir uma voz feminina. A pouco e pouco, o seu número tem crescido, e hoje, entre os seus 616 membros, 13 pertencem ao sexo feminino.

A participação das mulheres na vida pública da Inglaterra tem-se revestido, mesmo, por vezes, de extraordinária utilidade e isso tornou-se mais evidente com o deflagrar do presente conflito, quando foi necessário mobilizar o potencial feminino e solucionar todos os problemas que lhe são inerentes; quando se procedeu à evacuação das crianças das cidades bombardeadas e, em muitas outras assuntos relacionados com os serviços de saúde e de higiene, protecção à infância e à mãe, protecção aos refugiados e em tantos outros problemas em que o seu espírito, talvez talvez mais prático e mais humano, do que o do comum dos homens, tem influido para serem tomadas medidas ao mesmo tempo justas e de harmonia com as necessidades imediatas da guerra.

A consagração do seu trabalho e do seu valor exprime-se no facto de duas mulheres membros do Parlamento terem lugar nas cadeiras ministeriais.

São elas: Miss Florence Harsburgh e Miss Ellen Wilkinson.

A primeira é secretária parlamentar do ministério da Saúde e na ausência do respectivo ministro responde em seu nome a todas as perguntas referentes ao seu ministério formuladas pela Câmara.

A segunda é secretária parlamentar do ministério do Interior, e nesta qualidade tem tido uma efectiva participação em numerosos assuntos que se prendem com o desenvolvimento da guerra, principalmente no que se refere à evacuação das crianças, transferência da população dos bairros atingidos pelos bombardeamentos aéreos, provisão de alojamentos, etc.



MISS ELLEN WILKINSON



MISS ELEANOR RATHBONE



MISS FLORENCE HORSBRUGH

Outro membro destacado da Câmara é Miss Megan Lloyd George, filha do célebre político e oradora fluente e culta. Defende o princípio de que a acção das mulheres, no Parlamento, não se deve limitar apenas aos assuntos que particularmente respeitem às mulheres, mas sim a todos os assuntos que interesse à vida do país.

A Dr. Edith Summerskill, é também uma oradora ousada. Pertence ao partido trabalhista e está formada em medicina e, por tal motivo, interessa-se especialmente por questões de saúde.

Miss Irene Ward é, talvez, para os ministros, a mais impertinente de todas as mulheres membros do Parlamento. Na altura de fazer perguntas, tem sempre alguma coisa importante a observar, principalmente no que respeita aos assuntos que se prendem com a utilização do potencial feminino, de que é uma ardente e apaixonada defensora.

As restantes, além de Lady Astor, que já citámos e que é a decana das mulheres membros do Parlamento, são: Miss Rathbone, única mulher independente na Câmara e representante das Universidades Inglesas Combinadas; Mrs. Admason, que antes da guerra era presidente do Partido Trabalhista; Miss Thetua Cazalet; Mrs. Rathbone, que foi a última a ingressar na Câmara dos Comuns; Mrs. Hardie, Lady Davidson e Mrs. Tate.

Todas elas estão animadas de grande entusiasmo, e só desejam que aumente o número de membros do sexo feminino na Câmara dos Comuns, para que alguns problemas que esbarram ainda hoje em certos preconceitos e incompreensões dos homens, tenham uma solução adequada.

Talvez por isso, Miss Thetua Cazalet, na célebre sessão de 20 de Março de 1941, que se ocupou exclusivamente dos problemas e anomalias verificadas no decurso da guerra, pelo aproveitamento, em grande escala, do potencial feminino, declarou com certo ar de censura:

— Se fôssemos 40 ou 50 mulheres membros do Parlamento, em vez do pequeno número que somos, duvido que este debate se tivesse tornado necessário, pois muitas coisas que hoje estamos a discutir, ou nunca teriam ocorrido, ou já teriam sido automaticamente solucionadas em data anterior.

FERREIRA GRAÇA

## Actualidades GRAFICAS



No gabinete do sr. ministro do Interior, tomou posse de governador civil de Viseu, o sr. capitão Cabral Cavaleiro. O sr. dr. Pais de Sousa aproveitou o ensejo para lembrar mais uma vez a responsabilidade e encargo implicitam hoje com o bom desempenho do cargo de governador civil.



A Casa dos Pescadores, na Caparica, inaugurou novos melhoramentos. Esse organismo modesto mas simpático, criado pela lei e mantido pelo esforço de gente humilde, é um caso especial no pequeno mundo da nossa vida organizada.



Cascals acorda do letargo de muitos anos. Deixou de ser um velho burgo cingido por muralhas e fez-se jovem, chamando para si a atenção de todos. As suas iniciativas resultam sempre brilhantes — como esta do Campeonato Internacional de Tennis. A equipa espanhola venceu — pelo esforço de Cozara, Pepe Chavarri e Jaime Bartróli.



O «Diário Popular», na dia do seu primeiro aniversário, esteve em festa. Corpo administrativo, redaccional e das oficinas reuniram-se num banquete presidido pelo seu director, sr. António Tinoco, do qual damos um aspecto.



A mais recente fotografia da Princesa de Piemonte.

# MARIA JOSÉ, PRINCESA HERDEIRA DE ITÁLIA REFUGIOU-SE NA SUIÇA

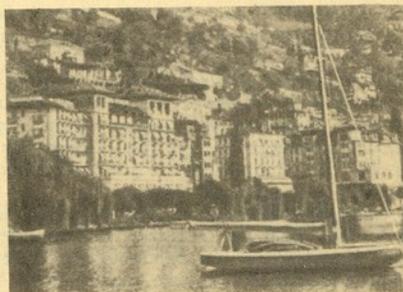
**P**ELAS 21 horas do dia 9 de Setembro, dois automóveis, logo seguidos de um grande camião com bagagens, paravam diante do «Excelsior», de Montreux. Disse chamar-se marquesa de San Maurizio — mas, na verdade, era nem mais nem menos do que a princesa herdeira de Itália: Maria José, irmã do Rei Leopoldo da Bélgica, que ia refugiar-se na Suíça. Com ela iam seus filhinhos: Maria Pia, Maria Gabriella, Vittorio-Emanuel e Maria Beatrice. Da comitiva — apenas dama de companhia, perceptores, criadas de quarto — e um alto funcionário da casa real.

Quanto tempo ali ficarão?

Ninguém — nem eles próprios — o sabe. A guerra, com as suas seqüências e conseqüências é que o há-de determinar... Entretanto, um jornal suíço dá-nos alguns flagrantes da viagem da princesa Maria José, cujo romance de amor com o príncipe de Piemonte tanto encantou o mundo romântico de 1932...



Foi este o caminho que conduziu Maria José até à Suíça: pela fronteira de Gran-Saint-Bernard, antes que os alemães lhe tomassem a passagem...



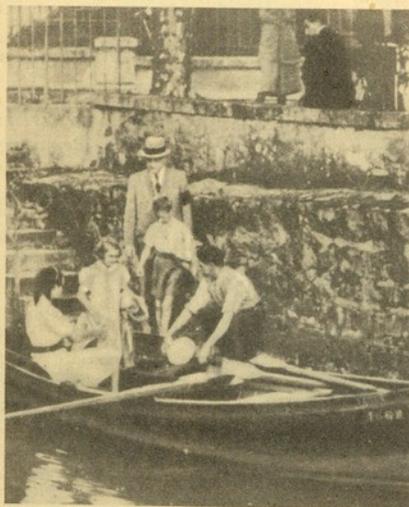
Montreux é uma cidade decorativa como uma tela de tintas esbaltadas. Foi aqui que a Princesa se refugiou com os filhos, vendo-se à beira do lago o hotel em que se hospedou.



Todos os dias, pela manhã às vezes ainda baça de nevoeiro e uma aragem fria a estimular o passo largo, Maria José dá o seu passeio pela borda do lago.



As crianças mostram-se curiosas: outra gente, outras casas... A pequena Maria Gabriella, à varanda do «Excelsior», está atenta ao movimento da rua, cá em baixo...



Aquela que será Rainha de Itália é mãe e interessa-se pelos seus filhinhos. Passear com eles sobre as águas tranquilas do lago é o passatempo favorito de todos.



Foi neste camião que se transportaram as bagagens da Princesa Maria José e de seus filhos. O automóvel conduziu a própria Princesa.

# 7 DIAS DE CINEMA

POR  
FERNANDO FRAGOSO

A série «Road to...» está consagrada. Vimo-los «a caminho de Singapura», no «turbilhão de Zanzibar» e, agora, em plena «sedução de Marrocos». E ansiamos por vê-los, novamente, nas paragens exóticas, cavaleiros andantes da fantasia, a lutar pelo amor de uma Dulcinea que se chama Dorothy Lamour. Bing Crosby é o espertalhão, Bob Hope, a vítima. Mantém-se, assim, o desenho tradicional de todas as parelhas cómicas, esta com um galã de «verdade», que canta como só ele sabe, e com um artista cómico que revolucionou a farsa cinematográfica.

Bob Hope trouxe para o cinema o prodigioso humorismo que o celebrou na Rádio. E muito embora o seu nome, por via de regra, não figure na lista dos autores, a verdade é que temos a convicção de que muitos dos prodigiosos achados os seus filmes se devem inteiramente à veia inesgotável da sua fantasia. Bob Hope, na tela, encarnando as mais estranhas e diversas personalidades, nunca se esquece de que é... Bob Hope. Tão pouco abstrai a ideia de que está, em Hollywood, perante uma câmara de filmar, e que as desventuras em que se vê envolvido são... «fita»! Daí as contínuas alusões ao mundo do cinema, as piadas aos artistas da tela, os apertes fulminantes aos espectadores... Bob Hope tem o aspecto de quem foi levado para o cinema por meio duma cilada, e esque-

*Camilla Hoen é hoje um dos mais apreciáveis elementos do cinema europeu.*



*Spencer Tracy e Hedy Lamarr em «Tortilla Flat», filme onde interpreta o papel duma portuguesa*

ce-se, por isso, de tomar a sério as peripécias e os dramas que o afligem, pelo facto da própria personalidade se sobrepôr à da personagem que lhe compete viver.

Artista prodigioso, de recorte originalíssimo — Bob Hope ficará como uma das mais extraordinárias revelações do cinema, na galeria notável dos cómicos de todos os tempos.

\* \* \*

«Um sonho para dois» é um filme quasi banal. O tema do «gangster» que se converte, quando deslocado do seu meio, pôsto em contacto com gente sã e almas simples — foi glossado por Van Dyke numa obra inesquecível, de doce bucolismo, e que se chamou «Dias Felizes» (Hide Out).

Lembram-se, por certo da aventura de Robert Montgomery — «inimigo público n.º 1» — da sua fuga para a casa de campo, onde morava uma linda rapariga chamada Maureen O'Sullivan. E lembram-se também da transformação que se operava na alma do criminoso, intoxicado nos ambientes deletérios da cidade, à medida que recebia os benéficos eflúvios da paisagem campestre.

A história da película do Politeama é, até certo ponto, na sua linha geral, a romântica novela de «Dias Felizes». Simplesmente, são pitorescas velhotas e a fauna estranha de modestos artistas reformados que convertem o «gangster» Bogart.

E de «Um sonho para dois» fica-nos a imagem deslumbrante de Ann Sheridan, de beleza irradiante — um verdadeiro sonho para todos nós...

Se a Rita Hayworth não se melindrasse, diríamos, ao vê-la, num murmúrio embebecido: — «nunca estiveste tão linda!».

\* \* \*

«O Sargento Imortal» pertence à lista, dia a dia acrescentada de novos nomes, das películas que a guerra actual inspirou. A campanha da Líbia, que já nos deu um documentário precioso — «Vitória do Deserto» — e que forneceu o tema para «Five Graves to Cairo», onde Eric Von Stroheim vive a figura do marechal Rommel — a campanha da Líbia, dizíamos, perpassa neste filme em tons dramáticos e convincentes.

Não é a luta do homem contra o homem que causa calafrios e arrasa os nervos dos espectadores. É, sim, o drama do homem, hostilizado pelo deserto, como se este se erguesse contra ele, por lhe profanar a grandeza do seu silêncio. E o que se passa com o deserto, na campanha de Africa, verifica-se com a selva, nas ilhas do Pacifico. A Natureza busca, a todo o transe, criar zonas de paz, que o homem não reconhece — sedento de sangue, de luta e de vingança. Estas incursões na Terra Proibida não se fazem impunemente. E quando o homem a desafia e viola as suas leis, a terra alinha, contra ele, ao lado das forças ocultas que decidem destinos — e ditam a sorte das batalhas.

\* \* \*

Ao lado das obras de ficção, a guerra rugue nas telas do mundo inteiro, através das reportagens dos incansáveis correspondentes de guerra, ao serviço das actualidades cinematográficas.

Sob este aspecto, merecem especial menção as imagens impressionantes da rendição da esquadra italiana — mais de cem navios e de 15.000 marinheiros. Os «cameramen» fixaram a entrada dos couraçados de 35.000 toneladas, no porto de La Valetta, na sacrificada e gloriosa ilha de Malta. E registaram a dramática chegada dos reforços a Salerno, nas horas incertas do desembarque do 5.º exército americano. Por mais perfeita que seja a evocação literária, a eloquência e a fidelidade da imagem tudo sobreleva!

A história desta guerra está a ser escrita, dia a dia, no celuloide, sobre a dolorosa realidade dos acontecimentos, e no momento em que os mesmos se verificam.

# CALCADA DA GLÓRIA

A curiosidade, ainda que muitas vezes perigosa, constitui — temos de reconhecê-lo — a razão do saber humano. A esta «Calçada» chegam, com frequência, cartas e postais solicitando informações acerca dos assuntos mais diversos. Na impossibilidade — até pela nossa restrita erudição — de respondermos a todos os consulentes, vamos responder hoje a alguns, escolhendo naturalmente aqueles cujos assuntos, não revestindo mero carácter pessoal, podem interessar uma grande parte dos leitores.

|| ||

PREGUNTA:

Poderia aconselhar-me algum remédio contra a calvície? — *Nero da Silva.*

RESPOSTA:

Conhecemos um infalível e muito económico: resignação.

|| ||

PREGUNTA:

Porque será que o elefante tem um nariz tão grande? — *Frequentedor do Jardim Zoológico.*

RESPOSTA:

É porque, quando é pequeno, está sempre a meter os dedos no nariz.

|| ||

PREGUNTA:

Será muito antiga a moda das meias, nas mulheres? — *Uma elegante descalça.*

RESPOSTA:

Não. É relativamente moderna. Muito mais antiga é a moda das mulheres andarem sem meias.

|| ||

PREGUNTA:

Como deve ser a mulher para agradar aos homens? — *Madame X.*

RESPOSTA:

Deve ser mulher em tudo.

|| ||

PREGUNTA:

Adão teve sogra? — *Zéco.*

RESPOSTA:

Teve. Chamava-se Serpente.

|| ||

PREGUNTA:

Vivem mais os gordos ou os magros? — *X.*

RESPOSTA:

Os magros. Há mesmo quem afirme que o ósso é eterno.



PREGUNTA:

Qual o melhor remédio contra a traça? — *Dona de casa.*

RESPOSTA:

Embrulhe o que quiser preservar em bastantes jornais, tendo o cuidado de lacrar o embrulho. As traças, além de serem as pessoas menos curiosas do mundo, detestam a imprensa.

|| ||

PREGUNTA:

Como tornar modernas as sobancelhas já velhas? — *Uma coquette.*

RESPOSTA:

Rapando-as, e fazendo depois um risco a lápis.

|| ||

PREGUNTA:

Sou casada e tenho um filho de 12 anos. Meu marido faz anos brevemente. O que é que meu filho lhe deverá oferecer? — *Uma mãe.*

RESPOSTA:

Compre umas calças muito curtas e apertadas. Seu filho dá-las ao pai; e o pai, como as calças não lhe servem, dá-las-á ao filho.

|| ||

PREGUNTA:

Onde poderei encontrar manteiga? — *Um guloso.*

RESPOSTA:

Em qualquer dicionário, entre a palavra *mantearia* e a palavra *manteigoso*.

|| ||

PREGUNTA:

Tenho um filho que vai fazer dezóito anos. Que profissão lhe hei-de dar? — *Um pai embarçado.*

RESPOSTA:

Meta-o num quarto com uma Bíblia, uma banana e uma moeda de prata. Se algum tempo depois, ao surpreendê-lo, o encontrar a ler a Bíblia, faça-o padre; se ele estiver a comer a banana, dedique-o à agricultura, se ele tiver guardado a moeda, empregue-o no comércio; se ele não estiver a fazer nada — meta-o na política...

|| ||

PREGUNTA:

Ontem, no Cinema, um rapaz que estava na cadeira, ao meu lado, deu-me um beliscão. Calei-me. Devia ter gritado? — *Uma cinéfila.*

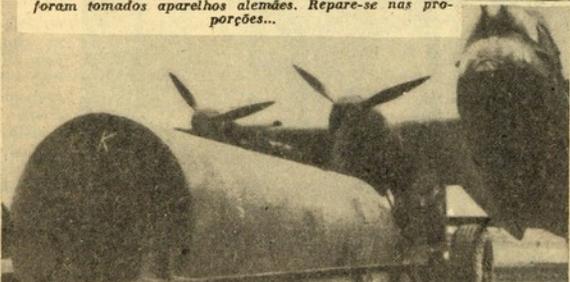
RESPOSTA:

Depende da intenção com que ele a beliscou.

# O FILME DA SEMANA



Os «Lencasters» são carregados com bombas destas, de cerca de 4 mil quilos. Nestas duas fotos vemos um aeródromo de Salerno conquistado pelo 5.º exército, e onde foram tomados aparelhos alemães. Repare-se nas proporções...



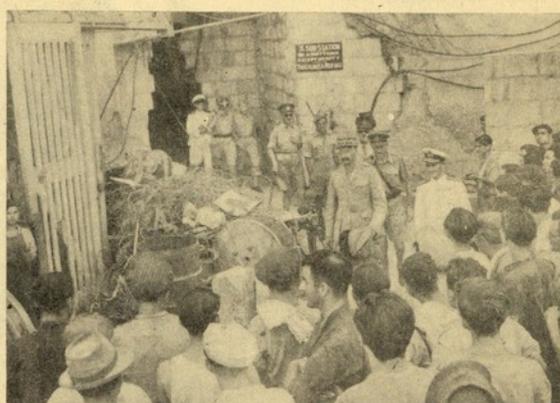
Não é só em Portugal que a Natureza é bizarra e cria formas estranhas, como na «Cabeça da Velha». Na região petrolífera de Baku, a acção do tempo talhou na rocha esta cabeça de cão...



Quando, há meses, o Primeiro Ministro britânico esteve em África, ofereceram-lhe um leão como símbolo vivo de resistência e nobreza. Churchill aceitou — mas com a condição de o guardar no Regent's Park Zoo de Londres, onde o bicho acaba de chegar e ser instalado.



Esta foto não é de hoje mas tem o seu interesse: Madame Chang-Kai-Shek, quando esteve no Canadá, tomou chá em casa da Princesa Juliana, que reside em Otawa, assistindo também a rainha Guilhermina.



Recentemente, os jornais disseram que Giraud visitara a ilha de Malta. Eis um flagrante dessa visita. O general vitorioso da Córsega passa, sorridente, por entre soldados e civis.

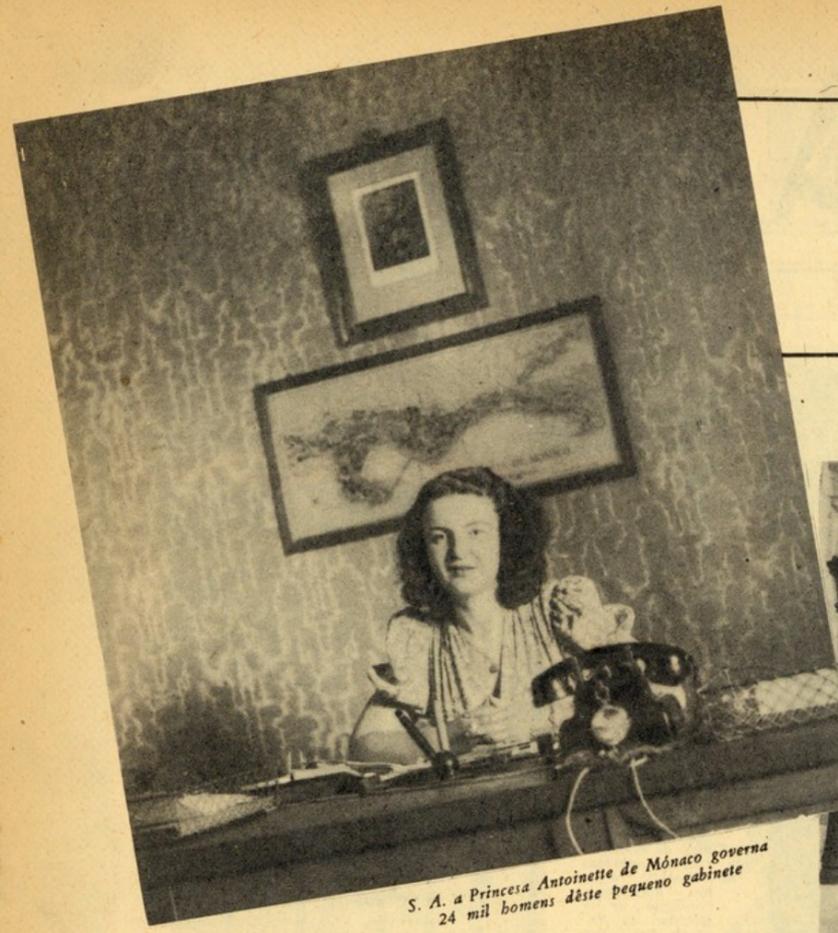


Uma imagem dantesca da guerra: pela noite silenciosa, a tripulação deste «Stirlings» ao serviço da R. A. F., toma o seu lugar no aparelho e vai bombardear Berlim.

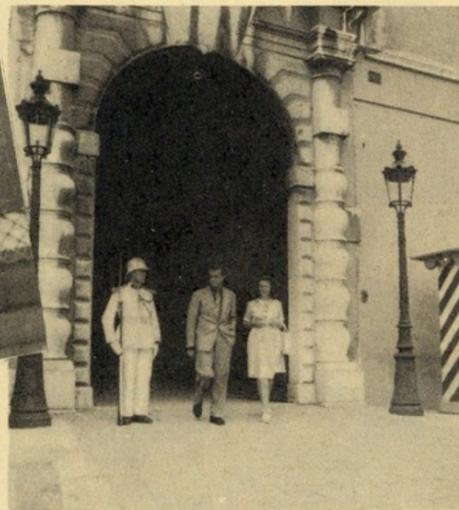


Os anglo-americanos cumprem: dentro da Lei de Empréstimo e Arrendamento, estão a enviar para cumprimento do Programa de Recuperação dos Territórios Libertos, grandes quantidades de mercadorias que os indígenas adquirem, entusiasmados, por preços mínimos.

# MÓNACO, PAÍS DE SONHO E A PRINCESA ANTOINETTE.



S. A. a Princesa Antoinette de Mónaco governa 24 mil homens deste pequeno gabinete



Naturalmente, assiste-lhe o Príncipe Consorte — o Príncipe Rainier — que vemos a sair do palácio do Governo, ao lado de sua esposa

Os Príncipes, de resto, gostam do desporto. Aqui os vemos, interessadíssimos, assistindo a um desafio de futebol. A direita do Príncipe, o Comissário Geral dos Desportos. A direita da Princesa, Mr. Alexandre Nogbés — de chapéu na cabeça...



S. A. é muito caritativa. No próprio palácio em que habita, instalou uma creche que todos os dias visita e dirige. Vemo-la aqui a distribuir guloseimas às crianças



Em benefício das obras de caridade, mantidas pela Princesa, organizam-se às vezes competições desportivas. Desta vez, a praça fronteiriça ao Palácio foi transformada em bolódromo, onde as melhores equipas do país se digladiam...

Antes da guerra, esta esplanada à beira-mar era o passeio predilecto dos grandes homens de todo o mundo. Hoje, as mulheres dos pescadores servem-se dela para consertar as redes...

À beira da fronteira com a Itália, o pequeno principado de Mónaco, uma espécie de abcesso que não dói, sobre o litoral francês, debruça-se no Mediterrâneo, suspira pela paz que tanto bem-estar lhe prodigalizava e olha serenamente o futuro. Ninguém o incomodou e ainda hoje a princesa «reinante», muito embora tenha inúmeros e graves problemas a resolver, por motivo da guerra e da sua neutralidade — continua a sua vida simples, democrática e de benfazer. Os monaguescos, aliás, são pessoas fáceis de governar. Deshabitaram-se da vida larga que a sua capital cosmopolita, de jôgo e diversões, a todos proporcionava, trocando a aventura do pano verde pela simplicidade dos campos ou as complicações de um comércio nem sempre livre dos seus pecados negros...

Mónaco é um dos mais pequenos Estados do mundo — quasi 23 quilómetros quadrados, com menos de 25 mil habitantes — foi a meta de aventureiros de todo o mundo e uma espécie de pequeno império mundano e um magnífico cenário de opereta.

Diz-se que os homens são brutais e não respeitam direitos. Mas será sempre assim? Mónaco, intangível, parece querer desmentir essa brutalidade, esse egoísmo e desrespeito. Pelo menos, até ver, a princesa Antoinette e o príncipe consorte não se mostram muito preocupados...



No «hall» do Palácio de Turismo, a princesa organiza frequentemente exposições, como esta de um pintor francês, que foi prisioneiro de guerra

**ÊLES NA INTIMIDADE...**

## RAMADA CURTO

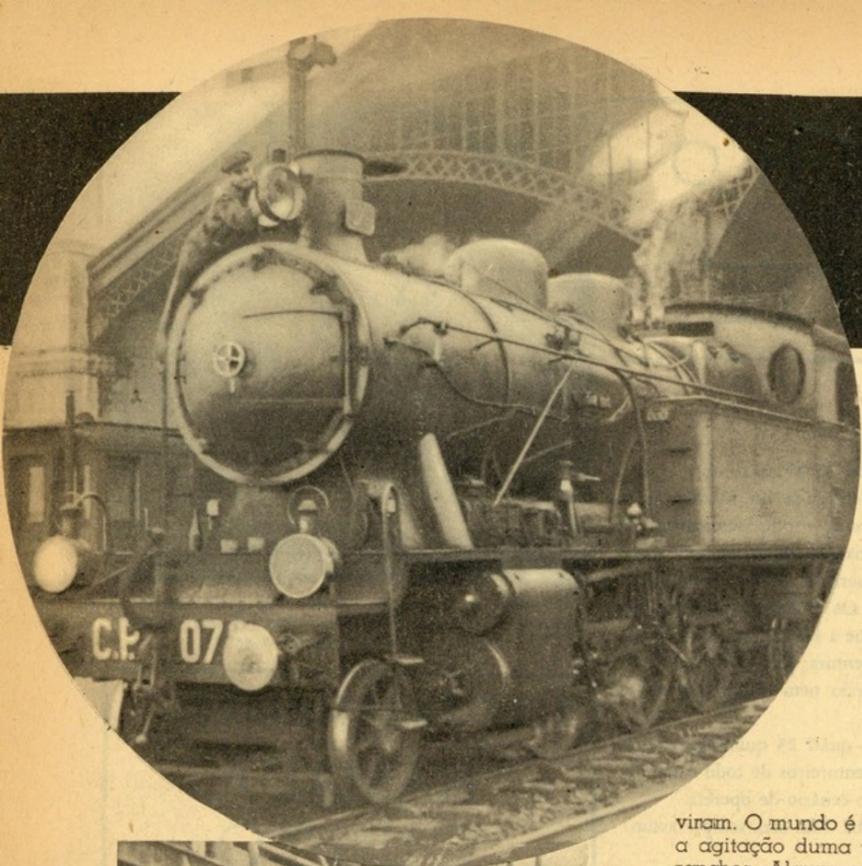
QUANDO NÃO É ADVOGADO, NEM ESCRITOR, GASTA O TEMPO COM AS POMBINHAS...



NADA de más interpretações. A foto, de resto, não as admite. Ramada Curto, dramaturgo, advogado, orador e cronista, também tem direito às suas horas de folga. Outros, mesmo, o terão menos e saberão ocupar pior o tempo de descanso. O autor de «O caso do dia» gosta de criar pombos e pombinhas. A sua varanda é um pombal de paz e amor. E quem o quiser ver satisfeito, aí pelas 9 e meia, é espreitar à fechadura: êle lá está, tal qual o vimos, de «robo de chambre», a tratar do seu pombal...

# GENTE DE IDA E VOLTA

## QUANDO OS COMBOIOS CHEGAM, QUANDO OS COMBOIOS PARTEM...



**O** olho luzente da locomotiva aponta, vermelho, lá ao longe, na linha. Já se ouve o restolgar da máquina e o ruído dos rodados, num estranho ritmo. O combóio estaca na «gare». O silvo estridente da sirène dá o sinal da chegada. Há pressa — e correrias. O «galão» doirado do chefe assoma naquela balbúrdia de cabeças. Os factores correm com guias na mão. É preciso conferir as bagagens, os vagões que vêm atestados. As portinholas escancaradas deixam passar aquele caudal humano.

Há um frenesim. A cidade está lá em baixo, luminosa e bela, enganadora no seu friso vistoso de mundana capital. Os que chegam veem doutros lados — da quietitude dos vales verdejantes, dos pinos das serras nevadas e trazem nos olhos a ilusão doce dum mundo que nunca

vinham. O mundo é a cidade — com o seu brutal ruído, o seu borborinho febril, a agitação duma urbe onde se acotevelam oitocentas mil almas. Saem em ranchos. Alguns ainda levam, na lapela, a fitinha do arraial do sítio — ou uma flor singela da derradeira romaria. Raparigas vêm à cidade, de blusa e e trouxa, à mira de servir. Sempre é outra coisa. A Rosa, a Natália, a Aurora do tio Bezerra, quando abalaram da aldeia vinham só com a roupita em cima do pélo — e, quando lá foram, pela feira, até cordão traziam — além do cabelo cortado e duns modos de senhorita, que era de a gente se benzer...

Escadinhas do Duque abaixo, intravancadas de vendedores, e já dá se descoortinava a cidade, com o rodar veloz dos automóveis, a gritaria dos pregoes, as sedas do chiquismo. E a cidade está, então, diante dos olhos.

O combóio ficou em cima, naquela negrura da estação — negra de fumo e balbúrdia.

Quando um dia, desfeitas as esperanças, a escadaria voltar a ser subida, o silvo da máquina tem mais encanto — é que o combóio, eternamente, está à espera dos que querem voltar...

\* \* \*

O destino desses que chegam à cidade é, depois uma história larga. Mas o combóio — o que ficou em cima — mal tem tempo para descansar — na sua casa, sobre o coração da cidade. Veio de longe, de correr por entre serras e vales, por planícies e descampados, acordando com o seu brutal silvo, a pazatez dos casais distantes — e já tem pressa de voltar. O seu destino é trazer gente com esperanças, para levar gente desiludida. Mas o combóio também faz o seu «repouso» — não é andar só em carreiras. O seu estômago — essa formidável caldeira — o seu cérebro — o comando que a perícia do maquinista sabe conduzir — os seus músculos de aço, desses grandes rodados — necessitam de descanso. Então, quieto sobre a linha, o combóio espera que o venham tratar. Primeiro são os moços, com as agulhetas de impectuosos

jectos, que lavam as carruagens. À frente da água saem cascas de laranja, pontas de cigarro, prus de fósforos, pequenos papeluchos engordorados de lanches comidos e até espinhas de peixe e ossos que nós, os portugueses, temos o hábito de conservar no chão, daquilo que não é nosso. O fogueiro e o maquinista vistoriam a locomotiva. É preciso lubrificar, ver bem os embolos, os comandos, o poderoso farol, que rasga, luminosamente, as estradas. Tudo aquilo é bem limpo. Os metais parecem de ouro — à força de solarine. Depois a lenha — esse alimento que o apetite voraz da máquina sempre reclama. Vêem os carregadores empurrando o carrinho das bagagens — atrás o factor vai conferindo os rótulos. A carga começa a pejar os «vagons». Daí a pouco já o combóio está pronto a seguir. Fazem-se as manobras. Muda-se de linha. O agulheiro, o sinaleiro, com a sua gaita, dá os sinais convencionais; desengata-se uma carruagem; faz-se marcha atrás — os ganchos caem com ruído; e este combóio que, ao chegar a Lisboa era dos «torresmos» — como diziam os passageiros entusiasmados — vai agora ser rápido até ao Pôrto.

— Sai o Norte! — grita-se.

— Linha do Oeste! vai largar!

Começam as correrias. Da chaminé da locomotiva saem róllos de fumo. É o segundo silvo que se ouve. Os passageiros, apertados, como numa prensa, acomodam-se o melhor que podem. A bocarra do tunel está escancarada. O maquinista e o fogueiro estão nos seus postos. Ainda vem gente a correr. Cabazes e maletas atiram-se pelas janelas. Duma janela, gente conhecida, acena ao José ou ao António que foram à «gare» dar um abraço de despedida.

— Boa viagem! não te esqueças do compadre João, éle que mandei dois chouriços!

Outros, mais cuidadosos, com ares de viajados avisam:

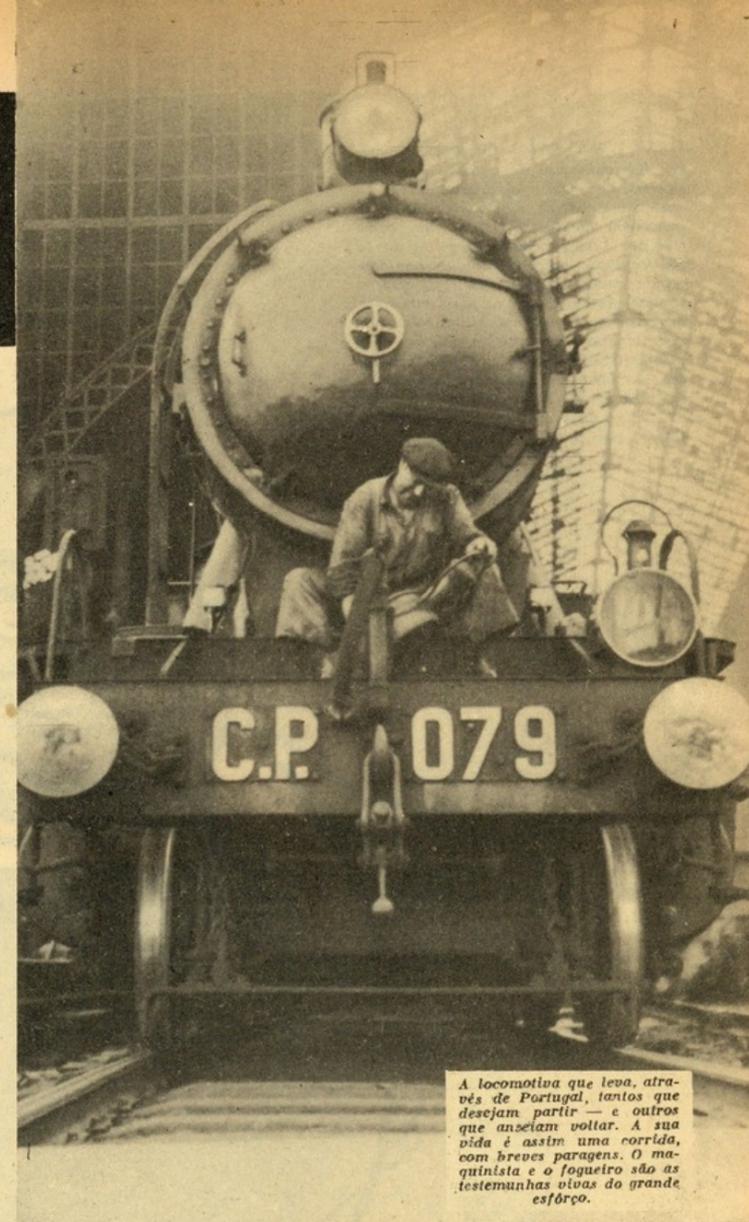
— Cuidado! no Tunel não deitem a cabeça de fora! Depois é um tipo esbaforido que quer sair do combóio pois deixou no banco, lá em baixo, ao pé das bilheteiras, uma galinha corada dentro do pão.

Mas o chefe, de relógio na mão, vai meter o apito na boca. E surge o dilema: o combóio ou a galinha!

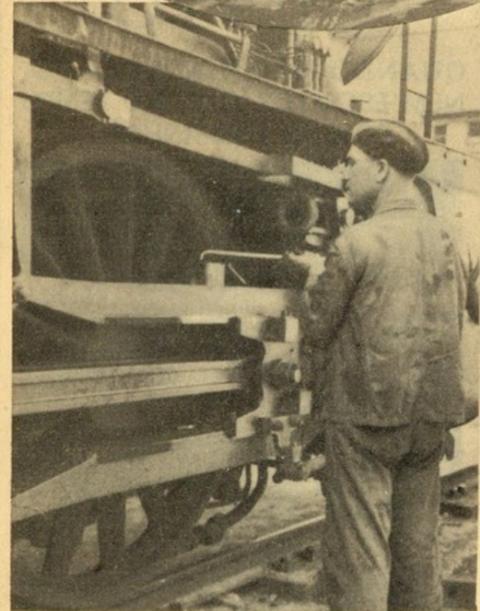
O sinal foi dado. A máquina começa a rodar. Depois, perde-se na lonjura. E vai a silvar enquanto a cidade, batida pela penumbra da distância rubra num eco saúdoso... e tantas vezes ingrato.

Combóios que chegam... combóios que partem — destinos que se cruzam na eterna jornada da vida!

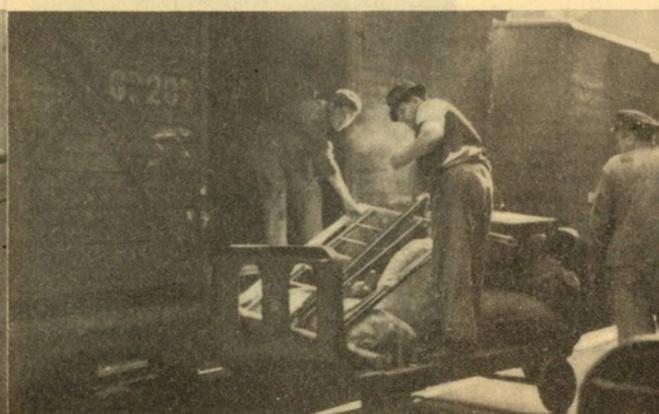
MANUEL MARTINHO



A locomotiva que leva, através de Portugal, tantos que desejam partir — e outros que anseiam voltar. A sua vida é assim uma corrida, com breves paragens. O maquinista e o fogueiro são as testemunhas vivas do grande esforço.

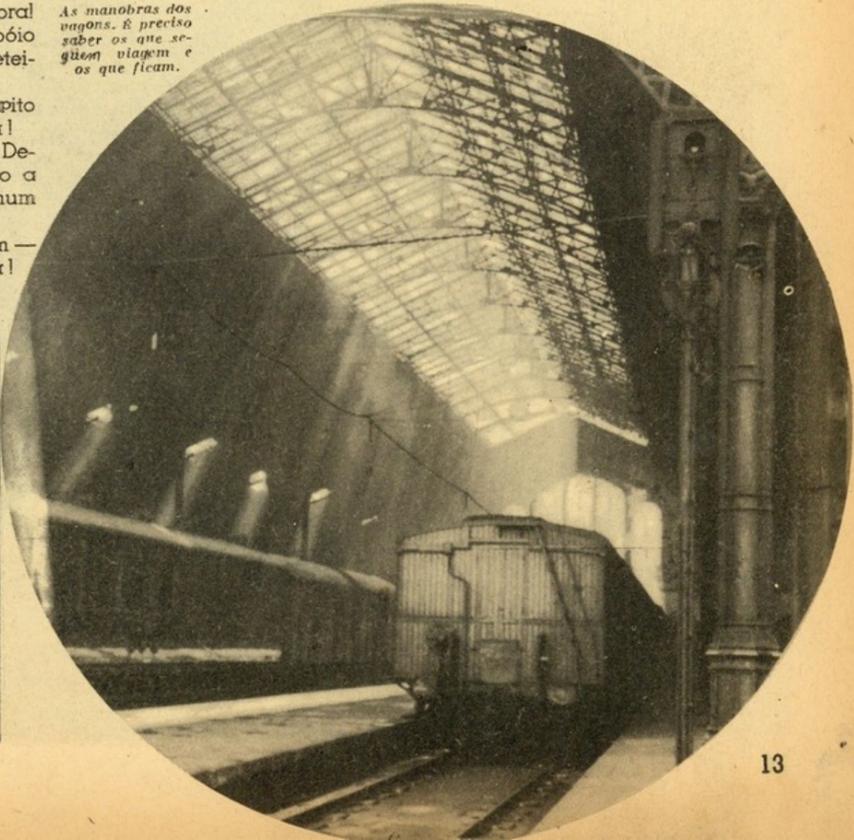


EM CIMA: É preciso lubrificar os embolos. O maquinista, nas horas do seu descanso, procede com segurança a essa operação.  
EM BAIXO: A luz está acesa, o combóio pode seguir.



A agulha. Depois de levantar o prato da sinalização, a bandeira é desfraldada para dizer: o caminho está livre, podes passar!

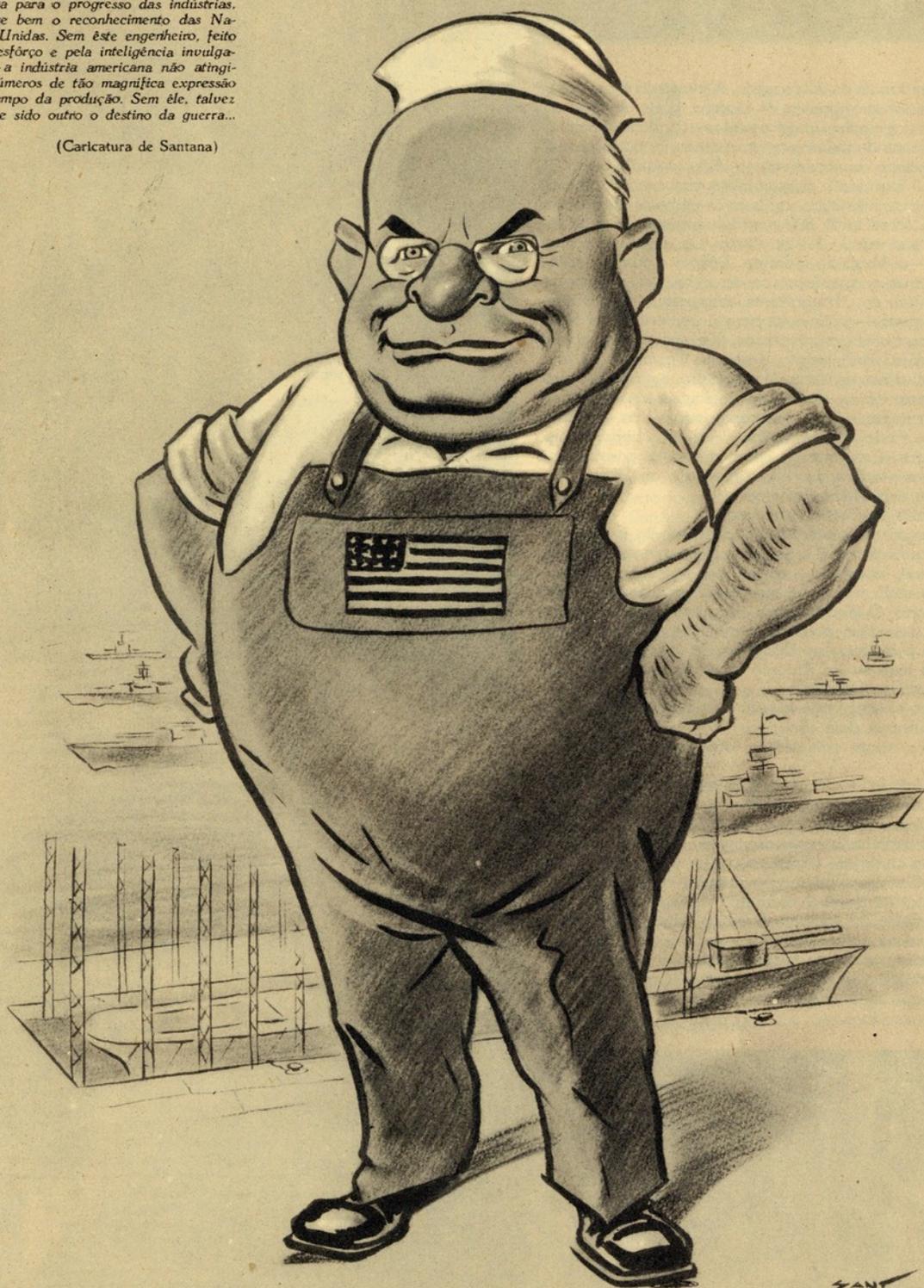
Os carregadores não atulham os vagons. O factor confere as guias de carga. Há muita bagagem que tem de ficar de fora.



As manobras dos vagons. É preciso saber os que seguem viagem e os que ficam.

HENRY KAYSER—O grande animador das indústrias de guerra norte-americanas, que está a ajudar os Aliados a sustentar a guerra, é hoje uma figura do panorama mundial. O homem que constrói nas suas fábricas um navio de 10 mil toneladas em cada dez dias, que consegue tantos milagres de organização técnica para o progresso das indústrias, merece bem o reconhecimento das Nações Unidas. Sem este engenheiro, feito pelo esforço e pela inteligência invulgares—a indústria americana não atingiria números de tão magnífica expressão no campo da produção. Sem ele, talvez tivesse sido outro o destino da guerra...

(Caricatura de Santana)



# AMATIFU, O REI BRANCO DE ZARANOU



**F**OI em 1863, ao cabo de longa preparação, depois de meticuloso estudo de cartas geográficas e de aturada elaboração de planos, que o dr. Quintin, reunindo todos os elementos e dispondo de enormes recursos que o governo da França punha à sua disposição, se propôs efectuar o reconhecimento e a exploração da Costa de Marfim. Tudo se aprestou para essa grande viagem. Da audaciosa expedição faziam parte homens de ciência e participavam vontades férreas e decididas, impelidas por um espírito de intrepidez. Era um atentado cheio de arrôjo. Mais do que isso: uma aventura.

Empresa temerária essa de abordar ao Grand-Bassan e percorrer um itinerário cautelosamente estudado mas erizado de perigos. Tribus selvagens, febres, um clima ao mesmo tempo tropical e frígido com dias de curta duração e excessivo calor, e longas noites de insuportável temperatura glacial. A expedição chegou a 6 de Janeiro daquele ano e fêz-se a grande concentração de homens, material e mantimentos na região considerada a chave mestra da abóbada misteriosa daquela zona do continente negro. Estabelecida a base, logo seguiram em demanda dessas terras onde parecia não ter chegado a pegada do europeu, os homens de Quintin — os melhores, os mais audazes e os mais experientes. A primeira jornada decorreu normalmente numa semana de marcha até aos charcos de Yacassé. Depois, sob um céu de fogo, começou a odisséia do deserto. Indiferentes à tortura da sede — beber água era uma necessidade condicionada às restrições do raciocínio — esses homens não se detiveram. Prosseguiram heróicamente no cumprimento do dever. O cansaço começou a invadi-los. Mas ninguém desanimou. O deserto parecia não ter fim, e a marcha tornava-se a cada momento mais penosa. O dr. Quintin, cabeça da expedição, mantinha-se confiante e optimista. Tornara-se necessário dormir de dia para conquistar terreno durante a noite; para isso abriram-se no areal escaldante grandes covas acamadas e colmadas por alguns arbustos que evitavam a passagem dos raios chamejantes do sol. Gota a gota iam secando as provisões de água.

Doze dias de marcha esgotaram os mais fracos, e oito homens ficaram para sempre no terrível lençol de areia. Depois duma furiosa tempestade, a missão alcançou o oásis de Bettié, onde repousou durante dois dias. Fêz-se o inventário sumário de viveres e na noite magnífica de luar, a expedição levantou o bivaque. Para trás ficava a dolorosa recordação das areias doiradas, martirizadoras, calcinantes, onde os homens pareciam enterrar-se vivos dum momento para o outro, vergados pelo desfalecimento, com a idéa da morte diante dos olhos, por vezes desvalrados.

A dois dias de caminho, encontrou as primeiras sombras silenciosas duma floresta. Maciços formados por milhões de arbustos e de plantas, um emaranhado confuso de troncos e de ramos, uma extensa rede quasi impenetrável, o prodígio duma laboriosa vida vegetal em plena exuberância debaixo duma abóboda espessa onde o sol não se atrevia a penetrar os segredos da selva.

Certamente o dr. Quintin anotou no seu diário a passagem difficilissima duma floresta virgem encontrada no seu caminho de glória e de intrepidez. A marcha fêz-se com o sentido prudente que o terreno aconselhava. Era preciso desbravar, passo a passo, aquêl matagal de irascível fecundidade em que se refugiavam gerações de reptis e se acovaitavam alguns animais ferozes.

A selva continha astúcias, guardava emboscadas. Era preciso evitar o ataque súbito das serpentes que acordavam do seu letargo e a mordedura de mil insectos perigosos. Cobras enormes resvalavam ao menor rumor por entre a folhagem que estalava com um sópro seco de vidro que se estilhaça. As primeiras noites de selva foram passadas nas grandes árvores milenárias sobre um mar de rugidos ferozes que subiam em ondas ululantes, enchendo de pavor as sombras da floresta. Os homens de ciência que faziam parte da missão anotaram preciosas descobertas. Entretanto, alguns deles sacrificaram a vida em accidentes vários no decorrer desta travessia, porque a comprida cadeia de florestas escondia nos seus recônditos traiçoeiros, o veneno fulminante do reptil e as garras da fera. Em breve atingiram o Comoé, plácido como uma lagôa onde ainda caia a grande sombra da selva. O calor tornava-se agora insuportável. Resolveu-se seguir o curso do rio durante a noite, utilizando jangadas. Cardumes vorazes de corcodilos acompanharam essa viagem arriscada. O remolho da corrente, os tufões de vento quente, o assalto persistente dos caimões esfomeados, ameaçaram constantemente a expedição. Quando esta atingiu Amoakonkru, restava um bando de heróis envelhecidos, exaustos, contaminados pela febre e pelo desespero. O regresso à base de Grand-Bassan fêz-se nas piores condições. Dir-se-ia que uma entidade maligna presidia aos seus destinos.

Marcel Treich-Laplène, endurecido pela vida dos desertos argelinos, tentou, em 1887, nova expedição, partindo de Assinie. Seguiu outro caminho, o de Nougoua, subindo até Krinjabrou. Repetiu-se a odisséia do professor Quintin. As paragens inhóspitas da região dos grandes pantanos, o calor abrasador e as febres dizimando implacavelmente grande parte dos membros da trágica expedição. Tempestades de areia, o horror alucinante da sede, as noites de pesadelo passadas num círculo de fogueiras para afugentar as feras. Alcançaram Jaoa, onde descansaram seis dias. As areias, em que tudo parecia ferver por um impulso demoníaco, sucediam-se as florestas. Em Diambarakrou a nova expedição era um bando de homens dispostos a morrer. Os ossos de muitos dos companheiros tinham ficado escondidos debaixo de grandes pedras no oásis, na selva, nas margens dos rios pantanosos, nas areias esbraseantes. Quando Treich-Laplène alcançou os territórios de Zaranou, dos seus 87 homens restavam-lhe 19! Essa mísera falange, acabrunhada, cansada, exangue, acampara a poucas léguas dos domínios do maior potentado da Costa de Marfim, na região onde mais tarde devia traçar-se a linha divisória entre a Costa de Oiro inglesa e a Costa de Marfim de soberania franceza.

Treich-Laplène, com meia dúzia de homens, internou-se nesses sertões malditos, impellido por uma força titânica de curiosidade. Mas, pouco depois, foram aprisionados por alguns negros selvagens duma tribo que os levaram à presença dum dos seus chefes. E descalços, esfarrapados, semi-doidos, viram aproximar-se o último momento. Mas aquêles negros ferozes trataram-nos com tais requintes de hospitalidade que deixaram os homens da expedição Laplène estupefactos. Iam levá-los à presença do rei Amatifu.

A viagem durou quatro dias por caminhos ignotos — os prisioneiros sempre guardados pelas lanças dos guerreiros apesar de todas as honras que lhes eram concedidas. E ao anoitecer brusco do último dia, Treich-Laplène e os seus homens foram recebidos em audiência pelo mais extraordinário rei de Africa: Amatifu, homem branco naquelle legião imensa de negros retintos, seu senhor e soberano Knico, com todos os poderes e todas as atribuições dum imperador e dum semi-deus. Este mandou que, em homenagem ao valor dos intrépidos exploradores brancos, se realizassem grandes festas. Cedeu-lhes generosamente grande quantidade de mantimentos de toda a espécie, frutas e uma espécie de aguardente refrescante. De novo os guias sollicitos, quasi amáveis, dessa tribo desconhecida levaram o resto da expedição Laplène a Zaranou.

Só mais tarde na sua casa de Saint-Malo, na Bretanha, o chefe da segunda expedição às terras virgens da Costa de Marfim verificou, através dum estudo patientissimo, que foram audaciosos portugueses que em 1458 ousaram penetrar na Costa de Marfim. Diogo Gomes, piloto da casa do infante D. Henrique desembarcara, entre os cabos das Palmas e das Três Pontas. Mais tarde os capitães de Fernão Gomes all desembarcaram, não só com a missão de effectuar o reconhecimento da costa, como de proverem ao povoamento por gente branca das zonas. Chegaram a estabelecer-se nessas zonas algumas dezenas de familias das povoações do litoral algarvio. Essa população de emigrantes desapareceu. Nenhum vestigio ficou. A Costa do Marfim continuou um ponto de interrogação...

Sem dúvida alguma que o rei branco Amatifu era um dos descendentes desses homens intrépidos que, como todos os portugueses, foram os primeiros a pisar as mais ignotas paragens do continente africano.

JORGE RAMOS

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

5

### O ATAQUE AOS CENTROS INDUSTRIAIS

**D**URANTE muito tempo se falará no grande «raid» efectuado contra a cidade de Colónia pela R. A. F., no dia 31 de Maio de 1941. Esse «raid», pelas condições em que se realizou, marcou como um episódio de grande importância na evolução da luta aérea e no conjunto da guerra. Os seus efeitos materiais foram efectivamente, destruidores, mas os seus efeitos morais e políticos foram incomparavelmente maiores.

O «raid» a Colónia foi seguido de mais alguns outros realizados na mesma ocasião, em circunstâncias semelhantes. A sua realização revelou vantagens e inconvenientes que foram sendo utilizados pela experiência. Os «raids» de mil aviões, como se ficaram designando, não voltaram a repetir-se por sistema. Mas o seu fim essencial, que consistia em destruir a indústria de guerra alemã, continuou a ser um dos objectivos dos Aliados e não deixou, posteriormente, de ser realizado pelo emprego da arma aérea embora com diferentes modalidades.

Durante a grande ofensiva aérea de 1943, por exemplo, a aviação anglo-americana continuou a sua tarefa de destruição dos centros industriais do Reich e dos países ocupados, empregando de cada vez uma média de quatrocentos a seiscentos aparelhos em cada ataque concentrado. Isso não significava que, entretanto, o poder aéreo dos dois países que se haviam encarregado da realização dessa tarefa tivesse diminuído. Bem pelo contrário. Mas as lições de experiência foram utilizadas nesse sentido e, ao mesmo tempo, o potencial defensivo e a técnica defensiva dos alemães modificaram-se também.

Mas a verdade é que, na altura em que os «raids» monstros foram rea-

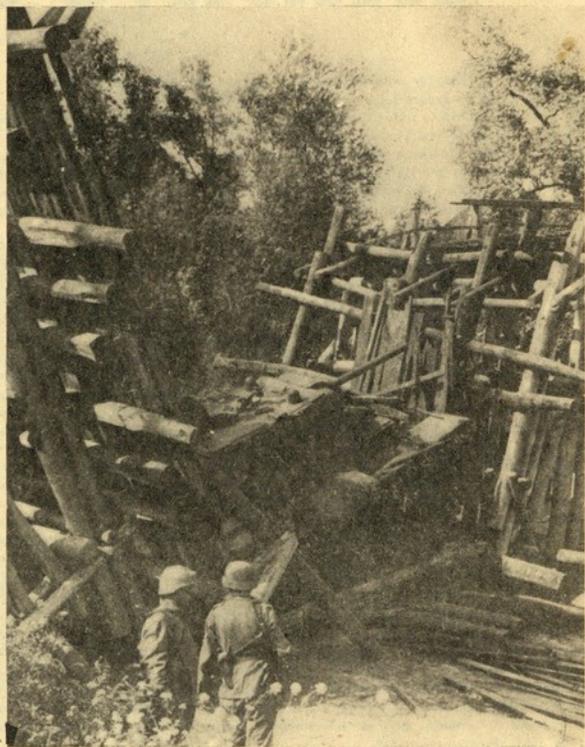
lizados, eles constituíram para quase todo o mundo uma surpresa, embora o Comando de Bombardeiros da Grã-Bretanha, pela sua acção persistente, viesse demonstrando, à medida que o tempo decorria, as suas possibilidades cada vez maiores que eram denunciadas pelos seus chefes e especialmente pelo marechal do Ar Harris e pelos factos que revelavam o seu poder crescente e mesmo terrífico.

#### UM PLANO METÓDICO

Pode dizer-se que o começo de Abril de 1942 coincidiu com a execução do plano gigantesco, plano cuidadosamente elaborado e metódicamente executado de ataques maciços aos centros industriais do Reich e da Europa ocupada. O período que se seguiu foi caracterizado, na luta aérea, por dois factos simultâneos. Enquanto a Grã-Bretanha realizava ataques conduzidos por grandes massas de aviação sobre algumas das principais cidades da Alemanha, a «Luftwaffe» praticava uma tática completamente diferente. Não podendo dispor de grandes massas de aviação, dadas as exigências da frente Leste, a aviação alemã escolhia, cuidadosamente, os seus objectivos, recrutados de preferência entre cidades do território britânico conhecidas pelas suas tradições históricas, e atacava-as com efeitos sensíveis e resultados que impressionavam a sensibilidade e a opinião pública do país. Eram os «raids» Baedeker que assim ficaram conhecidos por figurarem nos Guias do mesmo nome, universalmente conhecidos e consultados, os principais centros urbanos que eram objecto dos referidos ataques.

Estes últimos tinham, porém, um interesse e uma influência de tipo local enquanto os ataques conduzidos sobre o território alemão, pela sua importância e intensidade, provocavam repercussões apreciáveis dentro e fora dos países interessados. No fim de 1941 a aviação britânica realizava sobre o território inimigo «raids» que totalizavam cerca de trezentos aparelhos cada um. Três meses depois este número aparecia duplicado e o caso não deixou de impressionar e de constituir, para quase todos os povos do mundo, a afirmação do crescente poder aéreo da Grã-Bretanha.

Até à realização do grande «raid» sobre Colónia, o plano do Comando de Bombardeiros foi executado com uma pontualidade reveladora. Não



Na frente Leste, a batalha entre alemães e russos tem destes aspectos de caos e destruição total: um tanque soviético que tentava atravessar uma ponte dinamitada foi destruído.

era apenas a força da aviação britânica que assim se afirmava. Era também a sua organização pois, sem esta, não seria possível realizar uma acção que se afirmava idênticamente pela força e pelo método.

#### CIDADES BOMBARDEADAS

A execução do plano debutou por um ataque às conhecidas fábricas de motores «Mattford» situadas em Poissy, nos arredores de Paris. O ataque foi realizado durante dois dias, 1 e 2 de Abril, e os atacantes perderam dezasseis aparelhos. As fábricas «Mattford» produziam, em grandes quantidades, motores para os engenhos motorizados e blindados que o exército alemão empregava então em grande escala. De «raids» a Poissy resultaram numerosas vítimas entre a população francesa. O governo de Vichy formulou o seu protesto e os funerais das vítimas deram ensejo a manifestações oficiais de pesar.

Nos dias 5 e 6 daquele mês, enquanto uma força de cerca de trezentos bombardeiros atacava Colónia, uma outra força igualmente poderosa de aparelhos do mesmo tipo, escoltos por numerosos caças, operava

sobre o território da França atacando as fábricas «Gnome et Rhône» e as instalações industriais de Genevilliers. No «raid» sobre Colónia tomaram parte aparelhos dos tipos Stirling, Manchester, Wellington e Hampden que deram excelentes provas. O número de aparelhos abatidos, revelado pelo comunicado britânico, foi de cinco.

Na semana seguinte a cidade de Hamburgo apareceu como o objectivo designado da R. A. F. Nos dias 9 e 10 de Abril aquêle importante pórtico do norte da Alemanha, que tem sido uma das cidades mais duramente atacadas no decurso do conflito, foi objecto de «raids» concentrados realizados por algumas centenas de aparelhos inimigos sendo muito importantes os estragos produzidos na área da cidade e nas instalações do pórtico.

Na mesma semana o Ruhr voltou a ser atacado em força pelos aparelhos de bombardeamento britânicos. Os ataques foram particularmente severos nos dias 10 e 11 daquele mesmo mês e os prejuízos sofridos, segundo aparecia claramente revelado pelas fotografias aéreas, eram de incalculável importância ao mesmo tempo que os seus efeitos se revelavam cada vez mais eficazes.



Os «Bristol Beaufighters» mostraram, a partir dos primeiros grandes «raids», ser o melhor tipo de avião para combates nocturnos.

## OS ATAQUES À ITÁLIA

Nos dias 12 e 13 de Abril os ingleses realizaram viagens de inconspicua significação às cidades industriais do norte da Itália: Milão, Génova e Turim. Estas duas últimas, que não sofriram ataques aéreos desde o dia 27 de Setembro do ano anterior, foram especialmente visadas. Ao mesmo tempo continuavam a ser



atacados os centros industriais do Ruhr o que demonstrava que a R. A. F., se encontrava em condições de realizar, simultaneamente, duas operações de envergadura contra objectivos diferentes, mesmo que estes se encontrassem situados a grandes distâncias.

Um ataque violento a Hazebruk e a continuação dos ataques aos centros industriais do norte da França caracterizaram a evolução da luta aérea durante a terceira semana de Abril. Nesses ataques os bombardeiros da R. A. F., encontraram pequena oposição e puderam, sem grandes perdas, realizar intensamente as missões que lhes haviam sido confiadas. A perda de trinta e dois bombardeiros britânicos, ao mesmo tempo que eram destruídos vinte e três caças alemães, marcou uma das mais baixas percentagens de perdas para a aviação britânica desde que esta intensificara a sua actividade sobre o território do Reich e dos países ocupados.

Os ingleses começaram a empregar os bombardeiros ligeiros do tipo Hurricanes que lhes prestaram excelentes serviços depois de terem sido adaptados para esse efeito. Os aviões do tipo Bontos também demonstraram excelentes qualidades durante estes «raids» que serviram, igualmente, como «tests» da construção aeronáutica britânica e como prova dos seus mais modernos engenhos. Estes haviam de ser depois utilizados em larga escala para a realização da guerra aérea por parte da Grã-Bretanha, não apenas no continente europeu mas durante as operações a que foi necessário proceder durante a campanha do norte de África e do Mediterrâneo, algum tempo depois.

## O RAID A AUGSBURGO

O «raid» contra a cidade de Augsburg foi, pelas condições em que decorreu pela consequência que dele resultaram, um dos mais importantes que a aviação britânica levou a cabo durante o ano de 1942. A cidade fica situada na Baviera a cerca de quarenta e cinco quilómetros do noroeste de Munique. É ali que se encontram as instalações dos aparelhos usados pelos submarinos alemães e compreende-se, assim, a significação que os ingleses atribuíram ao ataque que há muito vinham projectando contra ela. Esse ataque teria de ser mais o produto duma longa preparação e duma audácia sem limites, por parte das tripulações encarregadas de o realizar, do que uma demonstração de força.

O «raid» foi realizado por doze bombardeiros «Lancasters», dos mais modernos e aperfeiçoados. A distância a percorrer, na viagem de ida e volta, era de mil e oitocentos quilómetros. Os bombardeiros constituíram duas formações que à sua passagem sobre o território francês foram violentamente atacados pelos caças inimigos. Quatro dos aparelhos foram abatidos perto de Paris o que reduziu sensivelmente o número de aviões que puderam completar a viagem. Estes constituíram uma formação de seis, do comando do rodiesiano Nettleson, que deu durante todo o «raid» provas duma extraordinária pericia. Dos seis aparelhos do seu comando, quatro foram abatidos sobre a cidade. Assim, só quatro dos aparelhos enviados puderam empreender a viagem de regresso que se efectuou sem que voltassem a ser de novo atacados. O aparelho do capitão Nettleton tinha sido, porém, danificado durante a luta que teve de travar com os aparelhos de caça inimigos e o seu regresso fez-se em condições muito difíceis. Os objectivos do «raid» foram plenamente alcançados e os oficiais que regressaram, condecorados com as mais significativas recompensas. Eram dezanove, recrutados em todas as partes do Império britânico: (canadenses, australianos e sul-africanos). A sua proeza assinalou a passagem do mês de Abril na história da aeronáutica britânica.

ton, que deu durante todo o «raid» provas duma extraordinária pericia. Dos seis aparelhos do seu comando, quatro foram abatidos sobre a cidade. Assim, só quatro dos aparelhos enviados puderam empreender a viagem de regresso que se efectuou sem que voltassem a ser de novo atacados. O aparelho do capitão Nettleton tinha sido, porém, danificado durante a luta que teve de travar com os aparelhos de caça inimigos e o seu regresso fez-se em condições muito difíceis. Os objectivos do «raid» foram plenamente alcançados e os oficiais que regressaram, condecorados com as mais significativas recompensas. Eram dezanove, recrutados em todas as partes do Império britânico: (canadenses, australianos e sul-africanos). A sua proeza assinalou a passagem do mês de Abril na história da aeronáutica britânica.

## O ATAQUE AOS PORTOS

Durante quatro dias, em 23, 24, 26 e 27 de Abril, a cidade de Rostok foi sucessivamente atacada por formações de bombardeiros britânicos compostas de cerca de duzentos e cinquenta aparelhos. É nos arredores dessa cidade que se encontram as grandes fábricas de aviões «Heinkel» que tão importante papel têm desempenhado na condução da guerra aérea por parte dos alemães. Em Rostok existem igualmente importantes estabelecimentos para a construção de submarinos. A guerra contra a U. R. S. S. no Báltico e na região de Leninegrado, por parte da Alemanha e da Finlândia, era em grande parte alimentada pela actividade industrial de Rostok.

Nos dois primeiros dias foram lançadas sobre as instalações do porto mais de quatrocentas toneladas de bombas, número que para aquela



altura já se considerava impressionante, embora não desse ainda uma ideia, aproximada sequer, das cenas espectaculosas que haviam de ser transportadas e lançadas durante a ofensiva aérea de 1943 as quais excederam, em muito, as cifras dos milhares de toneladas. Dada a importância do objectivo visado, os alemães empregaram em larga escala a sua artilharia anti-aérea e trouxeram para o Norte do país grandes quantidades de aviões de caça.

As fábricas Heinkel, que produziam em média semanalmente vinte e quatro aparelhos de bombardeamento (He 111), sete aparelhos de caça (He 113) e três planadores, ficaram em grande parte destruídas. O mesmo aconteceu aos estaleiros «Neptuno» de construção de submarinos. A cidade teve de ser evacuada pela maior parte da população. Entretanto, durante os quatro ataques, registou-se um grande número de baixas entre a população civil. Calcula-se que o número de mortos tenha excedido a cifra de dois milhares, o que deve considerar-se um número relativamente elevado quando o cotejamos com a cifra da população total da cidade. Em 28 de Abril, coincidindo com um «raid» realizado contra a cidade de Colónia a R. A. F. bombardeou intensamente o porto norueguês de Trondheim, que depois da ocupação da Noruega foi transformado numa das principais bases da esquadra alemã que operava no Atlântico e no Ártico. No dia seguinte o porto de Trondheim voltou a ser atacado, bem como o de Kiel que sempre fora objecto das atenções especiais dos chefes da aviação britânica. Neste porto encontravam-se, na altura em que se realizou o «raid», três das mais importantes unidades da marinha de guerra do Reich, os navios

de linha «Scharnorst» e «Gneisenau» e o cruzador «Prinz Eugen» os quais constituíram a formação que, dois meses antes, conseguira sair do porto de Brest em condições verdadeiramente sensacionais.

## OS ESTRAGOS NOS NAVIOS

Foi nessa altura que se tornou possível verificar a importância dos estragos produzidos nos três navios durante o combate aéreo a que a sua fuga dera lugar e em consequência dos sucessivos ataques que, depois de se terem refugiado em portos alemães, eles tiveram de sofrer pela acção persistente da aviação britânica que nunca mais deixou de os ter devidamente referenciados. O «Scharnorst» apresentava estragos profundos e encontrava-se na doca seca. O «Gneisenau» tinha perdido as três torres e teve, mais tarde, de ser removido para Gdinyia onde foi desar-



matado. O «Prinz Eugen», além dos estragos produzidos pelos ataques aéreos, fora gravemente atingido por um torpedo e necessitava de demoradas reparações que estava sofrendo.

Ainda durante o mês de Abril o porto de Lubek foi violentamente atacado e produzidos prejuízos muito importantes nas suas instalações. Este porto e o de Rostok foram, sem dúvida, os que mais sofreram com os «raids» levados a cabo pela aviação de bombardeamento britânica durante os últimos dias de Março e durante todo o mês de Abril sendo incalculáveis os prejuízos e as consequências que resultaram d'esses

ataques realizados por vagões de bombardeiros, cujo número se elevava à medida que o tempo decorria e o tempo melhorava.

A simultaneidade e o método, que



caracterizaram neste período a execução do plano de bombardeamento da aviação britânica, revelavam exuberantemente que os dirigentes de Londres estavam firmemente decididos a prosseguir na sua tarefa. Os meios postos à sua disposição eram cada vez maiores e, para contrariar os seus desígnios, só restava ao Reich intensificar a construção de aparelhos de caça e de artilharia anti-aérea melhorando os seus métodos defensivos e preparando a população para golpes cada vez maiores, enquanto não era possível proceder a represálias em grande escala.

Foi esta, efectivamente, a tática seguida. Por essa altura ingleses e americanos tiveram conhecimento de que a construção de aparelhos de bombardeamento começava a ser substituída por produtos pelos ataques aéreos, fora gravemente atingido por um torpedo e necessitava de demoradas reparações que estava sofrendo. Ainda durante o mês de Abril o porto de Lubek foi violentamente atacado e produzidos prejuízos muito importantes nas suas instalações. Este porto e o de Rostok foram, sem dúvida, os que mais sofreram com os «raids» levados a cabo pela aviação de bombardeamento britânica durante os últimos dias de Março e durante todo o mês de Abril sendo incalculáveis os prejuízos e as consequências que resultaram d'esses

(Continua)

**PETROLEO CLIPER'S COM IODO**

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao todo que o produto contém

*Nem um só cabelo!*

**CLIPER'S**

FRASCO 20 ESCUDOS

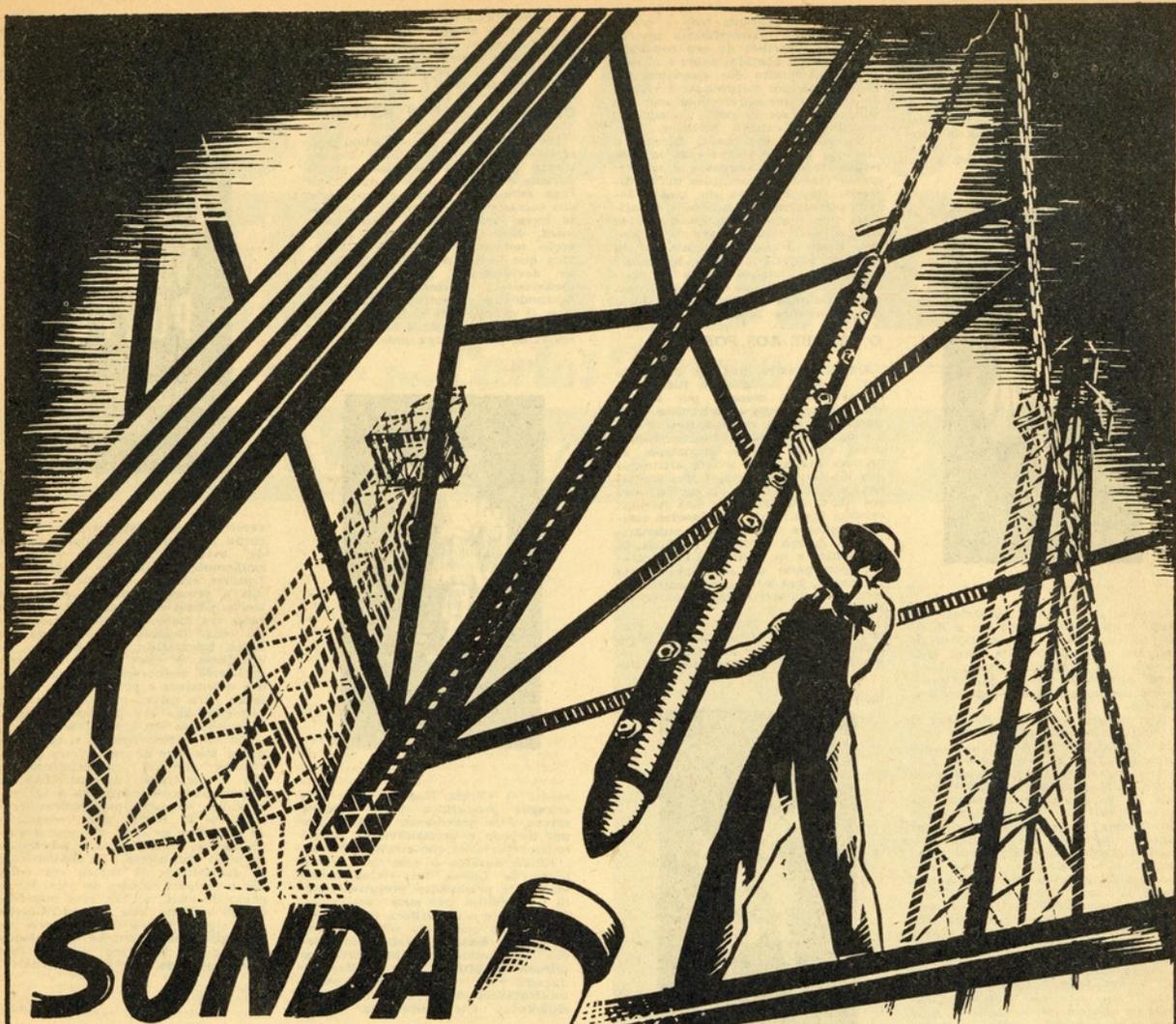
Pedidos aos distribuidores

LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PIOTTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA

**Vida MUNDIAL**  
Publicada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números) ..... 13\$00	6 meses (26 números) ..... 40\$00
6 " (26 " ) ..... 26\$00	12 " (52 " ) ..... 80\$00
12 " (52 " ) ..... 52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
AFRICA PORTUGUESA	6 meses (26 números) ..... 47\$00
12 meses (52 números) ..... 68\$00	12 " (52 " ) ..... 94\$00



# SONDA METRALHADORA

A sonda metralhadora é um curioso aparelho que serve para abrir caminho até à bôlsa de petróleo, quando o furo a não atinge directamente.

Faz-se descer no poço, por meio de um cabo de aço, e disparar na altura devida.

Nestes trabalhos emprega a Vacuum técnicos da maior competência e nos últimos

tempos, antes de estalar a actual guerra, andava por 870 o número de poços que a Companhia abria anualmente.

Dêstes e de outros poços provém parte da matéria prima utilizada na refinação dos seus produtos famosos que escasseiam agora, mas que V. Ex.<sup>a</sup> obterá facilmente logo que as circunstâncias o permitam.

**SOCONY—VACUUM OIL COMPANY, INC.**

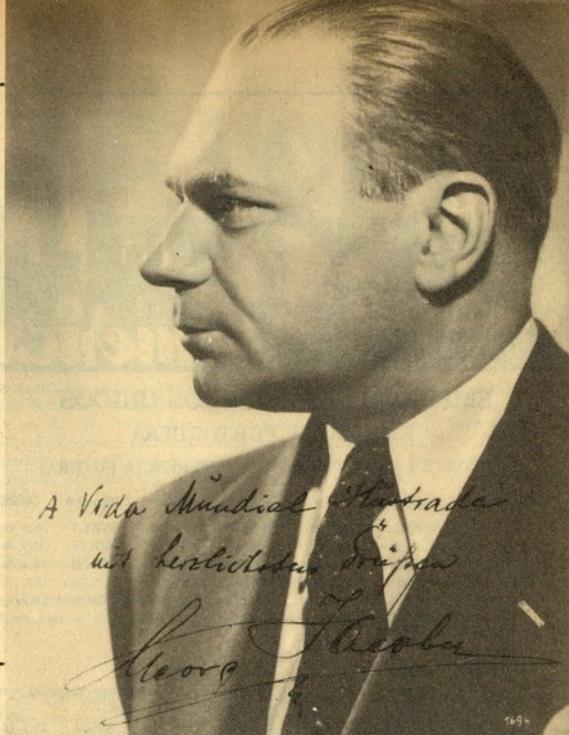


DIRECTOR DE FILMES DESDE OS 24 ANOS

# Georg Jacoby

REALIZOU  
ATÉ HOJE

## 180 PELICULAS!..



Georg Jacoby, o realizador dos últimos filmes de Marika Röck

**A** Lisboa do cinema, a Lisboa que anda a par de quantos filmes se estreiam nas telas e se são êxitos ou fracassos, a Lisboa que marca «rendez-vous» nas veladas elegantes, para, a par das películas, se observar mutuamente sobre a última palavra dos vestidos e chapéus, (elas...), e discutir, com mais ou menos calor, as virtudes e defeitos técnicos lobrigados na produção (êles...), reuniu-se há uma semana no Casino Estoril para apreciar uma exposição de cinema internacional, recheada de mil e um motivos de interesse, entre eles a exibição de alguns filmes em technicolor por um sistema que é a última palavra no género, o sistema «Agfa-color». Os filmes passados na tela do Casino Estoril constituíram um assinalado triunfo, destacando-se «A dança com o Imperador», luxuosa película que entusiasmou o público. A coroar o período brilhante da Exposição, veio expressamente a Lisboa a grande artista húngara Marika Röck, actriz, cantora e bailarina. Não veio, porém, sózinha. Acompanhou-a seu marido, Georg Jacoby, uma figura curiosa da cinematografia europeia.

Os dois artistas hospedaram-se na capital da Costa do Sol, nome que me parece poder aplicar-se, sem escândalo, ao formosíssimo Estoril...

A noite, passadas as horas em que Marika se exibiu, gozou-se um pouco de sossêgo. Ficaram em redor dos artistas somente dois ou três amigos. O serão, assim quasi em família, iniciava-se no salão-restaurante do Casino, onde a orquestra Tosselli ofertava a Marika um trecho húngaro, que ela aplaudia satisfeita como uma criança, e rematava invariavelmente no «Wonder-Bar» até às tantas da manhã. Claro, que férias são férias...

Foi ali que travei conhecimento pessoal com Marika e Jacoby.

Conversou-se de amena e despreziosamente, e falou-se do sol de Portugal, êste sol que tem dado ensejo a tanto lirismo; da hospitalidade dos portugueses, outro capítulo que, duma maneira geral,

é lisonja para o burgo; glosaram-se, enfim, bastantes motes, e espantaria se não se caísse no que anda sempre no pensamento de Jacoby: o cinema!...

Este homem, em cuja face se grava uma expressão dura e decidida, agradável na conversa e duma afabilidade muito própria, enceleira uma personalidade curiosa.

Não é nenhum jovem, antes pelo contrário. Mas a idade é pormenor que se esquece quando se entra em contacto com êle, pois a sua vivacidade de espirito e arguto poder de observação são surpreendentes. Da nossa conversa arranco alguns trechos que podem interessar os apaixonados pelo cinema — e até mesmo os que se limitam a gostar sem paixão, mas que nem por isso deixam de ser menos curiosos...

— Há muito que é director de filmes?

— Comecei cedo, sim. De muito novo, ainda o cinema mal abria os olhos, já eu me tinha na conta de um dos seus mais fervorosos adeptos. O «mudo» foi evoluindo e, quando o sonoro abafou aquêlê, compreendi melhor a razão de ser do meu entusiasmo e dedicação pela arte. Agora satisfação directamente a sua pergunta: tinha 24 anos quando, pela primeira vez, fui investido no lugar de director.

— Daí para cá...

Uma exclamação arrastada e uma boa fumaça de um bom charuto:

— Ah!... Nunca mais perdi o título. Aos 34 anos eu tinha filmado o maior número de películas que até essa altura qualquer realizador possa desejar.

Noutro tom, indice de modéstia:

— Sou o realizador há mais tempo em permanente actividade.

Um pormenor que Jacoby enuncia com visível satisfação:

— Em 1934 realizei um filme cuja grande parte do entrecho se passava na paisagem maravilhosa da Madeira. Intitulava-se «Porque mente a menina Käthe», e foi recebido com agrado na Alemanha.

Recorda-se, porventura, de quantos filmes realizou até hoje?

O semblante aligeirou-se-lhe. A pergunta exige um esforço de memória, a que Jacoby não se exime. E ei-lo pronto à réplica:

— Creio que 180.

— De qual gostou mais?

— Isso é difícil dizer-lhe. Há sempre a preocupação de fazer melhor. No meu caso, em que sou argumentista, assistente, realizador — e às vezes até operador — poderei ter uma opinião suspeita. Alimento esperanças de que a primeira grande revista cinematográfica, toda colorida, cuja filmagem já terminou, estando a proceder-se à montagem, seja o meu melhor trabalho. Não versa problemas complicados, anda longe de temas que perturbem. Tem muita música, muitas canções e muitos bailados. Deve agradar.

— Como se chama?

— «A mulher dos meus sonhos».

— Tenho interesse em arquivar a sua opinião sobre o novo sistema Agfa-color...

— Uma maravilha. Extraordinário sistema. Uma realidade de «figura» e um relêvo impressionante. Só faremos, eu e Marika, daqui em diante, filmes coloridos. É o método do futuro, o Agfa-color...

Por último, uma opinião interessante acompanhada dum gole de «whisky»:

— A paisagem de Portugal, a sua admirável policromia, constituem um tipo único, e só por si aumentariam o sucesso duma película colorida, feita no seu país!...

P O R D O M I N G O S L A N Ç A M O R E I R A



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WRUL	38,4 m.	WRUW	49,6 m.	WKLJ	39,6 m.
8,45	WRUL	38,4 m.	WKLJ	30,7 m.	WKJS	39,6 m.
9,45	WKLJ	30,7 m.	WKTS	39,6 m.	WBOS	48,9 m.
12,45	WKLJ	19,6 m.	WGEO	19,5 m.		
13,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.	WBOS	19,7 m.
14,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.		
17,45	} WRUS	19,8 m.				
18,45						
19,45						
	WGEO	25,3 m.	WRUS	19,8 m.		
20,45 às 21,15	} WGEO	19,5 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
			WRUS	19,8 m.		
21,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WKLJ	30,7 m.
22,45	} WKLJ	30,7 m.				
23,45						

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na frequência de 48,43 m., 41,86 m., 31,41 m. e 25,09 m.

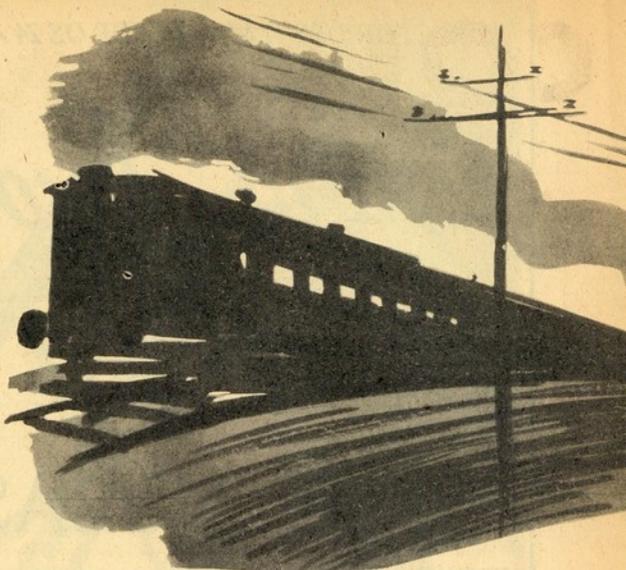
**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**

*Cultive a alma de seus filhos*

Praticar o «sport», fazer ginástica, é ótimo para precaver a saúde de seus filhos. Mas ouça um bom conselho: — Cultive-lhes também a alma. A música dorme no coração de todas as crianças. Desperte-a. Ter em casa um rádio-receptor ou um gramofone, não basta. É preciso que elas próprias executem a Música. Para este efeito nenhum instrumento existe como o Piano. Nêle aprenderão a conhecer a verdadeira grandeza da Música e, no futuro poderá V. Ex. contar com a sua gratidão. Encontrará um vasto sortido de pianos verticais, próprios para seus filhos aprenderem, nos



**ESTABELECIMENTOS  
VALENTIM DE CARVALHO**  
Rua Nova do Almada, 97  
LISBOA



**BIRRA**

«MANAÇA» malhou de ventas na terra. Um sóco em pleno queixo prostrara-o. «Bola de Carvão» vencera certo. Fôra o mais rápido, o único decidido, e não estivera ali para ajustes de badalo: jogara logo forte!

Levantar questões e conversas sem fim, em que seria o mais fraco, para quê?

Jogar forte. Bem. Assim mesmo. Por isso «Manança» ali estava pôsto num monte, sem possibilidade de, por uns momentos bem puxados, poder pagar na mesma moeda corrente. Deixá-lo. O mundo dá tantas voltas! O mundo dá tantas voltas que acaba quasi sempre por ficar por cima a cal de baixo. E, então, a sua vez havia de soar. E, então, a despeito de tudo... Ah!

**FOME**

De mais a mais, aquilo tudo começara por um nada: um figo! Oh, que era um figo na vida de um qualquer? Um figo, um único e simples figo? Mas começara por aí. Por essa coisa de nada. Idiota! Chapado! Apetecia-lhe mesmo morder nêle próprio. Idiota! Começar por aquilo. E logo quando qualquer dos dois precisava mais dele, do figo. Que estavam ruidos de fome. Fome negra, negra, negra. Negra por dentro, por fora, por todos os lados. E entranhada lá no fundo do estômago, na barriga, nos olhos quasi a reventarem, nos ossos. Até no brilho do ouro do sol. Uma fome que tudo comia — carne e fôrças. A fome verdadeira.

E isto, por no dia anterior não terem comido nada e aquêlle já ir em mais de meio, medido por igual vasilha. Passaram êsse tempo todo a água de fonte e rebentos de silveiras. Agua fresca e pura, rebentos tenrinhos, tenrinhos!

Dai o apertarem as barrigas tanto quanto puderam. Dai o cordel das calças ter levado esticção de meia-noite, em volta da barriga vazia, vazia, vazia...

**MOTIVO**

«Manança» vira-o primeiro. Gritou logo cheio de alegria, sem se poder conter:

— Um figo! Olha um figo!

— É meu! — berrou «Bola de Carvão».

E para que as dúvidas não fôsem mais adiante, arrumou-lhe o punho fechado em direcção ao queixo.

**CONDENAÇÃO**

Mal feito aquilo! Mal feito. «Manança» não o merecia. Companheiros de anos seguidos, companheiros fixes na desgraça e no riso, «Bola de Carvão» podia ter sido melhor, ter sido justo. Não devia ter batido. Tinha fome, certamente. Ficara doído, certamente. E sempre há-de haver uma vez em que um homem se esqueça que o é, e faz uma acção má. Fôra aquêlle. Ele que o dissesse. Ali caído, podia-se esperar que falasse. Perguntar-lhe tudo. A sua vida de vagabundo, desde o primeiro encontro. A sua vida e a do companheiro.

**UNOS PARA A VIDA**

Fôra engraçado. Luziam estrelas na noite. Os grilos enchiam de música os campos, ao desafio com as rãs. Fôra engraçado: «Bola de Carvão» agarrara-se a um vagão dum combóio de mercadorias, que esperava numa curva da linha, já para isso. E tentava subir, preparar, aproveitando a pouca velocidade que ali sempre levava. Puxava pelos braços, pelo peito, pelo corpo — e nada! Puxava e tornava a puxar. Baralhou as mãos, atirou com as pernas sem saber para onde, atrapalhou-se completamente, sem saber já como havia de desenvincillar-se daquele assado. A falta de experiência, o seu jeito de não se adaptar à acção rápida, e ao rodar do combóio, contribuíram em maioria absoluta para o fracasso que estava atravessando: puxar pelo corpo, sem conseguir encaixá-lo no vagão. Desde os pés, mais metade dele teimava em ficar da parte de fora. E estava quasi a desistir e a atirar-se

# COMPANHEIROS

UM CONTO DE AUGUSTO DOS SANTOS ABRANTES—DESENHOS DE MANUEL LIMA

ao chão mesmo sob o risco de partir costela ou de ficar amachucado de qualquer outro modo não menos incómodo, quando sentiu que o içavam. Que alguém o puxava para dentro do vagão, o metia lá, e que num pulo se vinha juntar a ele. Isto quando o andamento do combóio parecia não permitir que para ele trepasse, de qualquer modo ou feito que fosse!

— Tu conta comigo! — agradeceu «Bola de Carvão».

— As tuas «cordes», companheiro! — respondeu-lhe o outro que o livrara do entalão, num riso aberto.

E adormeceram lado a lado.

## PACTO

De manhãzinha acordaram. Olhos abertos e coração dado — para serem amigos para sempre, vagabundos ou não. Para nunca mais se separarem.

## ROMANCE DE CADA UM

Depois, vieram as confidências. E «Manaça» contou como dera em desempregado e, de seguida, em vadio. Recordou que, quando menino, a vida lhe era monótona de tanto feliz. O pai tinha então uma carvoaria, com que ia ganhando o pão e governando a casa. Sem luxos nem mimos. Simples, nanja que pobre. Mas sem sobressaltos ou cuidados pelas sopas do dia.

Tinha a carvoaria, o pai, a mãe, a irmã. Oh! mas a roda desandara! A irmã morrera-lhe com os pulmões desfeitos, sem dinheiro que chegasse para remédios ou lugar de favor em sanatório.

A carvoaria... Vieram abrir mesmo em frente uma outra. Uma outra pertença de uns senhores abastados, com mais cinco de suas distribuídas pela cidade. Com a loja nova, onde a guerra de preço logo se declarou, a freguesia deu em fugir, em rarear, em ser quasi nada.

A vender mais barato, cada vez mais barato... E o pai não pôde. Não pôde! Dinheiro no Banco para agüentar os prejuízos — qu'ê déle? Amigo que o emprestasse — qu'ê déle? Não havia a quem o pedir, não. Fechou.

Fechou as portas para a fome entrar mais à vontade. Por não ter coragem. Para fugir e largar fora sem dizer adeus. Desapareceu, comido pela vida, sem se saber por onde, nem notícias que dessem em algures.

Foi então que a mãe deu em morrer, dia após dia, aos bocados, e sob carregos. Foi então que ele se meteu vagabundo. Desconhecia qualquer trabalho, fora aquêle de entregar carvão aos fregueses e receber as contas, tomar nota, de cabeça, do que lhe ficavam restando, que lhe enchia os dias. Buscou ainda afazeres. Bateu porta, ofereceu-se, quis dar-se de graça — só pela cama e mesa. Despediram-no com palavras de consólo. E até na casa que abria sucursal logo em frente da sua, no seu bairro, aquela que arruinara o negócio dos seus, não o quiseram:

— Temos pena, acredita. Já cá há pessoal a mais, para o serviço. A nós é que nos causa pena despedi-los. Se não fosse isso... Mas pode ser que daqui a algum tempo... Vai passando por cá.

Malandros! Estoiravam o negócio dos outros, riam-se, e ainda por cima corriam a ponta-pés quem lhes ia mendigar trabalho.

— Malandros! — confirmou «Bola de Carvão». — E ele sabia por quê. Sabia. Oh, se sabia!

E veio a contar tudo. Aos poucos, tin-tim por tin-tim. Uma frase, duas frases por dia. E veio a contar tudo. Era filho de mãe preta e senhor gordo e branco. Tinha vindo lá da África na sua companhia, ainda menina. Cresceu, deitou ancas e seios, pôs cobiça nos olhos do patrão. Ele engordou-a em segredo com palavras e mimos. Mas quando não podia esconder mais o fruto, abandonou-a, largou-a fora com nomes feios.

— Se uma pouca vergonha daquelas se fazia na sua casa! Cabra. Tinha-lhe deshonrado os cabelos. Ah! se ele soubesse com quem tinha sidol!

Corrida de labéu, abandonada, encontrou-se só, sem casa nem pão. Ainda mendigou — já não carinhos

e tratôs para ela, mas sim para o filho no ventre. Rastejou, chorou. Não houve piedade para mulher negra e perdida. Houve, sim, chicote e chicotadas. Jurou não querer mais homem. Sofreu trabalhos, doenças, canseiras. Até que teve de dar em porta aberta. Que outro serviço para ela havia? E, como «Bola de Carvão» não descobrisse no quarto lugar para ele, todo cheio de amores e desejos, fugiu, perseguido pela maldição que lhe caíra nos ombros.

Agora, ali estavam. Mãos para pedir, para roubar, para tudo. Vagabundos!

## SEGUIMENTO

Deixaram de ter conta os dias, os anos, as fomes. Os momentos de luta pela vida, cal de baixo, cal de cima. De fugas e espancamentos. De comer como e onde o Diabo o amassasse. De a bolsa ser uma para os dois. De, companheiros, palmilharem qualquer caminho e todos os caminhos.

## SERRA

Até que viera aquela história do figo. «Bola de Carvão» em vez de o dividir — batera. Em vez de procurar outros na figueira — batera. Em vez de ser bom camarada — batera! E colhera-o de repêllo, malhara-lhe o sóco nos queixos, directo, fugira. Deixando-o para ali de bruços na vereda da serra. Oh, maldito caminho aquê! Para ali, longe de qualquer casa. Longe de qualquer ouvido que escutasse um apêlo, sequer. Longe de qualquer socorro.

Descampado em ravina em tôdas as direcções, até mesmo naquela que subia pela serra e fazia monte. E lá, sózinho.

Sózinho. Mas havia de chegar a sua hora! Que morrer não morria sem vingança. Ainda que tivesse de palmilhar de novo as veredas percorridas, por onde viera com ele, iludidos com o brilho do sol batendo serra acima. Ainda que voltasse a andar errando por entre fraguedos e colinas tonto de fome e sede, tonto de qualquer direcção.

## VINGANÇA

E a vingança veio.

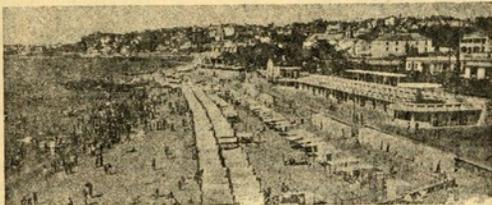
Foi quando «Bola de Carvão» voltou, vergado de vergonha e temor, lhe pôs a cabeça no colo, lhe atirou um bochecho de água à cara, lhe pediu: — Perdoa a mim que não torna!

E lhe meteu o figo inteiro na bôca.



# ESTORIL

## COSTA DO SOL



### A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

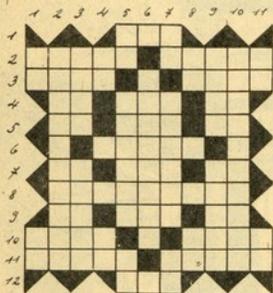
**ESTORIL PALÁCIO HOTEL** — Luxuoso e confortável — Magnífica situação  
**HOTEL DO PARQUE** — Elegante e moderno  
**HOTEL DE ITALIA** — Preços moderados  
**ESTORIL — TERMAS** — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas. PISCINA de água tépida.  
**TAMARIZ** — Magníficas esplanadas sobre o mar  
**CASINO** — Restaurante — Bars.  
 — Aberto todo o ano  
 — Concertos — Cinema — «Dancing»  
 — Restaurante — Bars  
 — Jogos autorizados pelo Governo  
 — Roleta — Banca Francesa — Bacará

«STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITAÇÃO  
 PARQUE INFANTIL

**INFORMAÇÕES:**  
*Sociedade Propaganda da Costa do Sol*  
 ESTORIL — PORTUGAL

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 82



**HORIZONTAIS:** 1 — Entregas. 2 — Misturar com ópio; Artería, que sai do ventrículo esquerdo do coração. 3 — Administrar; Confusão. 4 — Oferece; Vogais; Caminhar. 5 — Viração; 1.000, 50 e 100 em numeração romana; Instrumento de padejar (inv.). 6 — Apellido. 7 — Flexão do pron. «tu»; Sapo do Amazonas; Pref. designativo de direcção. 8 — Ignorante. 9 — Abrev. de sua casa; Acrescentel; O mesmo que «eu». 10 — Arrastivo; Cura. 11 — Alegria; Massa de cera. 12 — Célula.  
**VERTICAIS:** 1 — Gigante venerado

pelos assírios; Andar. 2 — Pedantaria. 3 — Irritar; Povo que ocupava o Perú quando os espanhóis o conquistaram. 4 — Nesse lugar; Em a. 5 — Abrev. de doutor. Pronúncia de desgraça; Nota musical. 6 — Combinação de cores. 7 — Apellido; Influi; Aqui. 8 — Língua românica que se falava entre o Loire e os Pirinéus; Catedral. 9 — Fronteira; Lançar fogo a. 10 — Barco com torpedos. 11 — Art. pl.; O mais (ant.).

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 80**

**HORIZONTAIS:** 1 — Mar. 4 — Ali. 5 — Glama. 7 — Mã. 8 — Rama. 10 — Paia. 12 — Rala. 14 — Paado. 15 — Rapa. 17 — Ruela. 18 — Rensir. 19 — Eiró. 20 — Volita. 21 — Saga. 23 — Laró. 24 — Rara. 26 — Dá. 27 — Março. 29 — Rel. 30 — Aso.

**VERTICAIS:** 1 — Mal. 2 — Alar. 3 — Rimar. 5 — Catalogam. 6 — Amaralado. 7 — Macerar. 9 — Alamina. 10 — País. 11 — Ata. 13 — Apito. 14 — Pré. 16 — Ara. 18 — Rol. 22 — Trara. 25 — Ares. 28 — Aio.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 81**

**HORIZONTAIS:** 1 — Cara; Opa; Atas. 2 — Elisa; Abano. 3 — Pião; Asa; Ameia. 4 — Ao; Aipim; Ir. 5 — Passarada. 6 — Pé; Mã; Sé; Ar. 7 — Avia; Ata; Povo. 8 — Ia; Vi; Sô; EL. 9 — Sara; Terá. 10 — Vá; Alim; Os. 11 — Ázia; Ama; Tiro. 12 — Garra; Rabate. 13 — Area; Eua; Loma.

**VERTICAIS:** 1 — Cêpa; Pat; Vaqa. 2 — Alio; Eoa; Azar. 3 — Ria; Ire. 4 — Aso; Amava; Ara. 5 — Asa; Ire. 6 — Ais; Ala. 7 — Pospasto; Iman. 8 — Ria; Tea. 9 — Mas; Sem. 10 — Aba; Depór; Tal. 11 — Tam; Ibo. 12 — Anai; Ave; Oran. 13 — Sour; Rol; Sota.

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.ª — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# PAPYRUS

**PAPYRUS** — O melhor papel para escrever  
**PAPYRUS** — O melhor papel para imprimir  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Títulos de Crédito  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Apólices, etc.  
**PAPYRUS** — Os melhores livros comerciais  
**PAPYRUS** — Os melhores sobrescritos  
**PAPYRUS** — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelerias e Tipografias  
 Depósito geral:  
**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
 Rua dos Correios, 70  
 LISBOA  
 End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



## APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil  
 Peça folhetos grátis á  
**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**  
 AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

## PASTA MEDICINAL

### Couto

*Evita a doença da boca*



não se fie n'isso

Não é qualquer tira-nódoas que lhe serve.

Para tirar as nódoas, o lustro, o mau cheiro dos fatos usados, dando-lhes o aspecto de novos, como se viessem do alfaiate, e desinfectando-os, só o CASULO LIMPA FATOS, em cujo fabrico entram 6 produtos químicos, diferentes e inofensivos, que conservam os tecidos.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogas do País

REVENDA  
 RUA DA MADALENA, 128, 2.ª  
 LISBOA



## A ESFERA MISTERIOSA

Por MAX FELTON

1.º volume da colecção policial de Vida Municipal Editora

FOI POSTO À VENDA ESTA SEMANA

Ex.ªs Senhoras

Ao voltarem de suas férias visitem os lindos modelos de VESTIDOS, CASACOS, CONFECCOES DE PELES E «LINGERIES»

Expostos nos salões de LUCINDA & INEZ, L.ª D.ª

R. D. Estefânia, 117, 1.ª

O Livro do Momento

## A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

(Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra)

Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias  
 Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

# AQUI entre Nós

## LUZES DA CIDADE

PASSOU, há pouco, o 28.º aniversário da morte de Ramalho Ortigão. Se o seu nome não perdeu o brilho; se a sua figura sólida, maciça, não se apagou ainda da memória daqueles que, alguma vez, a viram nas tardes luminosas do Chiado. — a sua obra dir-se-ia em plena actualidade. Um livro de iniciativa lançou, recentemente, no mercado os primeiros volumes duma nova edição completa do autor da *Holanda*. Tem sido um êxito. Aquela prosa forte, clara, sadia, desempenhada, é bem na hora pádua que se atravessa, uma autêntica cura de ares.



UMA revista deu-nos agora, numa interpretação de Laura Alves e de Villaret, uma risonha evocação dos *Geraldos* — célebre dueto que, há umas dezenas de anos, conquistou, entre nós, a popularidade. Os *Geraldos* nasceram no Brasil. Ele principiou pelas salas particulares do Rio de Janeiro a debitar cançonetas, segundo a frase dum seu biógrafo. Um dia em casa do major Alvarenga, director do conselho Municipal do Rio, num reunião particular, Geraldo cantou. De repente, Alvarenga chamou-o de parte e perguntou-lhe:

— Queres ir para o teatro?

Não queria ele outra coisa. Foi apresentado ao empresário Freyre, que ia inaugurar o Alcazar, e não tardou que o moço cancionista debutasse — com uma casaca emprestada. O êxito foi retumbante. Pouco depois constituiu um dueto — e os *Geraldos*, já então Ele e Ela, percorreram, de triunfo em triunfo, toda a América do Sul. Uma bela ocasião apareceram em Lisboa, a cantar *módinhas*. Foi enorme o sucesso, que se prolongou por muitos anos. Hoje, o Geraldo já não canta — a não ser, aos domingos, em família — mas tornou-se lisboeta. Aqui ficou. Dentro do seu

coração instalou Portugal e o Brasil.



DIZIA-NOS, uma vez, um espírito observador que o Chiado era a vitrine onde as mulheres vinham exhibir-se como amostras. Não obstante o que possa haver de intencionalmente exagerado nesta afirmação, a verdade é que ela tem qualquer coisa de exacto e de incontestável. Desde as raparigas esbeltas às sessentonas maciças, desde as morenas de olheiras negras às loiras de pupilas claras, desde a grande dama à caixeirinha ligeira — o Chiado oferece, cada dia que passa, aos nossos olhos curiosos, alguns milhares de amostras para escolher. Há de tudo: a mulher-cetim; a mulher-veludo; a mulher-crêpe Georgette; a mulher-jersey; a mulher-peau d'Ange e tantas outras. Simplesmente a amostra nem sempre corresponde — aí de nós — ao que está no armazém.



UM amigo nosso, velho aficionado, afirma-nos, uma tarde destas, diante duma espécie de «Manzanilla» lisboeta, que se estava assistindo a uma revivescência do gosto pelas touradas. Durante bastantes anos a chamada «festa brava» declinara — dizia-nos ele — mas agora, justos céus, parecia querer regressar ao tradicional entusiasmo popular que durante séculos a caracterizara. Não sabemos se esta opinião corresponderá à verdade. É facto que, ao passar-se pelos Restauradores, em certos dias, se encontra uma *torrada* respeitável — para os toiros. Será isto, porém, uma prova decisiva do recrudescimento da verdadeira *afición*? Há quem nos garanta que o público pretende apenas treinar-se, vendo a luta entre o toiro e o homem, para o actual combate contra os gananciosos e os açambarcadores. Na verdade, há por aí comerciante que está a pedir — pega de cara!

ISTO não é só de educação. É do ar, é do sol, do que se come, da água que se bebe, dos mil e um acidentes que, através dos séculos, têm alimentado a nossa formação de espírito, o próprio impeto dos nossos sentidos. Nem é por mal: está-nos na massa do sangue, somos assim... Se aparece, de repente, advertência de que passa a ser de regra que se transite por certa rua só num determinado sentido, se vem aviso de que deixa de ser permitido fazer-se por ali ou por acolá um tal cruzamento, o nosso primeiro instinto é de proceder ao contrário, o segundo, é de protestar, o terceiro é de fazer de conta que não sabemos. É bem de ver que tais medidas não são ditadas por capricho, mas consequência de se considerar que assim passa a ser conveniente, mas nem por isso nos dispensamos de clamar, aqui d'el-rei, que não sabemos para que é aquilo bom, porque sempre se viveu sem tais precisões. É claro que isto há-de ser uma questão de ordem puramente geográfica — situação consequente de se viver em tais ou tais paralelos e meridianos. E a coisa não vai senão com um polí-cia — mais cortez ou menos cortez — que se destaca para a função de avisar individualmente cada um dos candidatos a infractores da postura. E, diga-se desde já, para encurtar raziões, que estes candidatos a infractores somos nós todos, os seis milhões de habitantes da lusa terra. Não é por mal: somos assim...

Com o caso dos papelinhos nas janelas e das luzes ocultas pode dizer-se que se passou a mesma coisa. Apesar de se tratar de medidas declaradas necessárias pelos órgãos a que estão incumbidos os serviços da defesa nacional, não faltou quem não deixasse de soltar o seu descrente «para que é isto bom?», naquele nosso eterno ar de só fazermos aquilo a que estamos muito bem habituados e sempre refilarmos com o que passamos a ter que fazer como tarefa nova. A verdade é que se trata de medidas que se entendem por convenientes — que importam, evidentemente, um pequeno sacrifício, uma pequena soma de restrições aos nossos hábitos, mas quem dera aos povos dessa Europa por aí fora que dêes se reclamasse tão pouco como só agora se começou a reclamar de nós próprios.

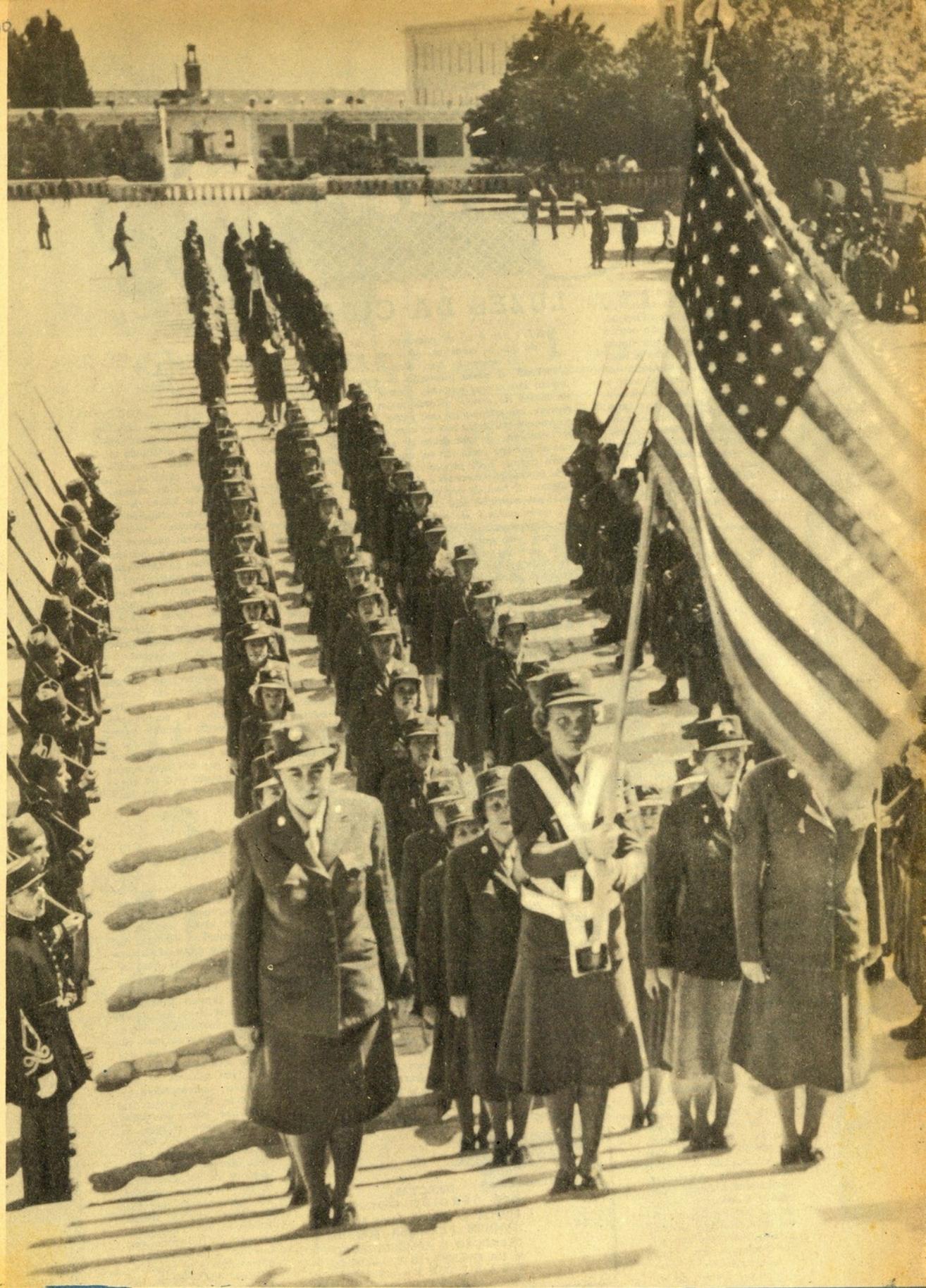
No fim, a primeira noite em que se determinou a ocultação de luzes em Lisboa ofereceu-nos a todos uma oportunidade admirável de tomar contacto com as maravilhas esquecidas da natureza: a Lua, num formosíssimo crescente, quasi plenilúnio, inundava tudo com o seu clamor de luz. O cidadão, habituado aos clarões publicitários de mil cores que caem das alturas das mais imponentes fachadas, nem sequer chega a desdenhar do espectáculo da natureza: ignora-o. O «black-out» trouxe-nos essa surpresa magnífica de presenciarmos a imagem da cidade recortada no espelho de luz branca e suave que se coava da Lua.

Eis um espectáculo que permanentemente se oferece aos homens e de que os homens afrontosamente desdenham, tornando uma coisa vulgar tão rara como a raridade de Vénus se oferecer aos nossos olhos em pleno dia. E este, sim, este foi o fenómeno imprevisível, o que durante uma tarde inteira prendeu os olhares atentos e deslumbrados de uma cidade inteira.

Vida  
**MUNDIAL**  
de Lisboa  
PUBLICA-SE TODAS  
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:  
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. DA EMENDA, 69-2.º — LISBOA  
TELEFONE: 25844

23. 16/10



Recentemente, realizou-se no Norte de África uma grande parada militar. Unidades do Corpo de Exército Feminino dos Estados Unidos desfilarão garbosamente entre filas do 1.º regimento do Exército Zouave. As mulheres, como se vê, também na guerra merecem o aprêço e o respeito dos homens — hoje seus companheiros do lar e das armas.